

TÉCNICO EM AGRIMENSURA



MÓDULO II
INGLÊS INSTRUMENTAL



2025 - INEPROTEC

Diretor Pedagógico	EDILVO DE SOUSA SANTOS
Diagramação	MICHEL MARTINS NOGUEIRA
Capa	MICHEL MARTINS NOGUEIRA
Elaboração	INEPROTEC

Direitos Autorais: É proibida a reprodução parcial ou total desta publicação, por qualquer forma ou meio, sem a prévia autorização do INEPROTEC, com exceção do teor das questões de concursos públicos que, por serem atos oficiais, não são protegidas como Direitos Autorais, na forma do Artigo 8º, IV, da Lei 9.610/1998. Referida vedação se estende às características gráficas da obra e sua editoração. A punição para a violação dos Direitos Autorais é crime previsto no Artigo 184 do Código Penal e as sanções civis às violações dos Direitos Autorais estão previstas nos Artigos 101 a 110 da Lei 9.610/1998.

Atualizações: A presente obra pode apresentar atualizações futuras. Esforçamo-nos ao máximo para entregar ao leitor uma obra com a melhor qualidade possível e sem erros técnicos ou de conteúdo. No entanto, nem sempre isso ocorre, seja por motivo de alteração de software, interpretação ou falhas de diagramação e revisão. Sendo assim, disponibilizamos em nosso site a seção mencionada (Atualizações), na qual relataremos, com a devida correção, os erros encontrados na obra e sua versão disponível. Solicitamos, outros sim, que o leitor faça a gentileza de colaborar com a perfeição da obra, comunicando eventual erro encontrado por meio de mensagem para contato@ineprotec.com.br.

VERSÃO 2.0 (01.2025)

Todos os direitos reservados à
Ineprotec - Instituto de Ensino Profissionalizante e Técnico Eireli
Quadra 101, Conjunto: 02, Lote: 01 - Sobreloja
Recanto das Emas - CEP: 72.600-102 - Brasília/DF
E-mail: contato@ineprotec.com.br
www.ineprotec.com.br

Sumário

ABERTURA	06
SOBRE A INSTITUIÇÃO	06
• Educação Tecnológica, Inteligente e Eficiente	06
• Missão	06
• Visão	06
• Valores	06
SOBRE O CURSO	06
• Perfil profissional de conclusão e suas habilidades	07
• Quesitos fundamentais para atuação	07
• Campo de atuação	08
• Sugestões para Especialização Técnica	08
• Sugestões para Cursos de Graduação	08
SOBRE O MATERIAL	08
• Divisão do Conteúdo	09
• Boxes	09
BASE TEÓRICA	11
INTRODUÇÃO	11
A MENTE HUMANA E OS ASPECTOS PSICOLINGUÍSTICOS QUE ENVOLVEM O PROCESSO DE LEITURA	11
• Os objetivos da leitura	14
• Os gêneros textuais	15
• Os níveis de compreensão	16
• Estratégias de leitura	17
ESTRATÉGIAS DE LEITURA	20
• Revisando o ‘skimming’ e o ‘scanning’	22
• Deduzindo o significado pelo contexto	22
ESTRATÉGIAS DE LEITURA	23
• A importância do conhecimento sistêmico na construção do significado	23
• Deduzindo o significado pelo contexto	25

IDENTIFICANDO O TEMA, A IDEIA PRINCIPAL E O TÓPICO FRASAL	26
• Identificando o tema e a ideia principal	26
• Atividade: reconhecendo o tópico frasal	27
O USO DO DICIONÁRIO	28
• Conhecendo o dicionário	28
• Grupos nominais	34
• Acrônimo	36
• Formação de palavras	38
• Afixos	39
• O processo de composição	43
• O processo de derivação	43
• O processo de conversão	43
FORMAÇÃO DE PALAVRAS	44
• O sufixo–ing	44
• O sufixo–ed	46
ELEMENTOS MORFOLÓGICOS: RADICAL E AFIXOS	46
PADRÃO DE ORAÇÕES EM INGLÊS	48
• Sentence structure	48
MARCADORES DO DISCURSO	53
BIRTHDAYS	56
VERBOS AUXILIARES	57
• Usos do shall, will	58
• Usos do do, does e did	58
• Usos do have, has e had	58
• Usos do used to	59
• Auxiliares modais	59
A ESTRUTURA TEXTUAL	61
• Coesão X Coerência	61
SESSÕES ESPECIAIS	64
MAPA DE ESTUDO	64
SÍNTESE DIRETA	65
MOMENTO QUIZ	67

GABARITO DO QUIZ _____ 68

REFERÊNCIAS _____ 68

MÓDULO II

INGLÊS INSTRUMENTAL

TÉCNICO EM AGRIMENSURA

Abertura

SOBRE A INSTITUIÇÃO

Educação Tecnológica, Inteligente e Eficiente

O Instituto de Ensino Profissionalizante e Técnico (INEPROTEC) é uma instituição de ensino que valoriza o poder da educação e seu potencial de transformação.

Nascemos da missão de levar educação de qualidade para realmente impactar a vida dos nossos alunos. Acreditamos muito que a educação é a chave para a mudança.

Nosso propósito parte do princípio de que a educação transforma vidas. Por isso, nossa base é a inovação que, aliada à educação, resulta na formação de alunos de grande expressividade e impacto para a sociedade. Aqui no INEPROTEC, o casamento entre tecnologia, didática e interatividade é realmente levado a sério e todos os dias otimizado para constante e contínua evolução.

Missão

A nossa missão é ser símbolo de qualidade, ser referência na área educacional presencial e a distância, oferecendo e proporcionando o acesso e permanência a cursos técnicos, desenvolvendo e potencializando o talento dos estudantes, tornando-os, assim, profissionais de sucesso e cidadãos responsáveis e capazes de atuar como agentes de mudança na sociedade.

Visão

O INEPROTEC visa ser um instituto de ensino profissionalizante e técnico com reconhecimento nacional, comprometido com a qualidade e excelência de seus cursos, traçando pontes para oportunidades de sucesso, tornando-se, assim, objeto de desejo para os estudantes.

Valores

Ciente das qualificações exigidas pelo mercado de trabalho, o INEPROTEC tem uma visão que prioriza a valorização de cursos essenciais e pouco ofertados para profissionais que buscam sempre a atualização e especialização em sua área de atuação.

SOBRE O CURSO

O curso TÉCNICO EM AGRIMENSURA pertence ao Eixo Tecnológico de INFRAESTRUTURA. Vejamos algumas informações importantes sobre o curso TÉCNICO EM AGRIMENSURA relacionadas ao **perfil profissional de conclusão e suas habilidades**,

quesitos fundamentais para atuação, campo de atuação e, também, algumas sugestões interessantes para continuação dos estudos optando por **Especializações Técnicas** e/ou **Cursos de Graduação**.

Perfil profissional de conclusão e suas habilidades

- Executar levantamentos geodésicos e topográficos.
- Utilizar equipamentos e métodos específicos.
- Fazer a locação de obras de sistemas de transporte, civis, industriais e rurais.
- Delimitar glebas.
- Identificar elementos na superfície e pontos de apoio para georreferenciamento e amarração.
- Organizar e supervisionar ações de levantamento e mapeamento.
- Efetuar aerotriangulação.
- Restituir fotografias aéreas para a elaboração de produtos cartográficos em diferentes sistemas de referências e projeções.
- Processar e interpretar dados de sensoriamento remoto, fotos terrestres e fotos aéreas de modo integrado a dados de cartas, mapas e plantas.
- Utilizar ferramentas de geoprocessamento.
- Executar cadastro técnico multifinalitário.
- Identificar métodos e equipamentos para a coleta de dados.
- Participar do planejamento de loteamentos, desmembramentos e obras de engenharia.
- Dar assistência técnica na compra, venda e utilização de produtos e equipamentos especializados.
- Executar levantamentos e coletas de dados espaciais e geométricos.

Quesitos fundamentais para atuação

- Conhecimentos e saberes relacionados à execução de levantamentos geodésicos e topográficos, a vistorias e arbitramentos relativos à Agrimensura, com o intuito de permitir a organização fundiária do espaço rural, incluindo as medições, as demarcações, as divisões, os mapeamentos, as avaliações e a regulamentação das terras.
- Compromisso e ética para assegurar o cumprimento da legislação e das normas técnicas vigentes.

- Habilidade de liderança de equipes para solução de problemas técnicos e trabalhistas e para a gestão de conflitos.

Campo de atuação

- Empresas de mapeamento e levantamento topográfico, de comercialização de equipamentos e instrumentos específicos da função, de aerolevantamentos, de logística e distribuição de cargas
- Forças Armadas.
- Concessionárias de serviços públicos.
- Agências reguladoras.

Sugestões para Especialização Técnica

- Especialização Técnica em Cadastramento Ambiental Rural.
- Especialização Técnica em Georreferenciamento de Imóveis Rurais.
- Especialização Técnica em Monitoramento de Estruturas.

Sugestões para Cursos de Graduação

- Curso Superior de Tecnologia em Agrimensura.
- Curso Superior de Tecnologia em Geoprocessamento.
- Curso Superior de Tecnologia em Estradas.
- Curso Superior de Tecnologia em Construção Civil.
- Bacharelado em Engenharia de Agrimensura.
- Bacharelado em Engenharia Cartográfica.
- Bacharelado em Engenharia Cartográfica e de Agrimensura.
- Bacharelado em Geografia.
- Bacharelado em Engenharia Ambiental.

SOBRE O MATERIAL

Os nossos materiais de estudos são elaborados pensando no perfil de nossos cursistas, contendo uma estruturação simples e clara, possibilitando uma leitura dinâmica e com volume de informações e conteúdos considerados básicos, mas fundamentais e essenciais para o desenvolvimento de cada disciplina. Lembrando que nossas apostilas não são os únicos meios de estudo.

Elas, juntamente com as videoaulas e outras mídias complementares, compõem os vários recursos midiáticos que são disponibilizados por nossa Instituição, a fim de

proporcionar subsídios suficientes a todos no processo de ensino-aprendizagem durante o curso.

Divisão do Conteúdo

Este material está estruturado em três partes:

- 1) ABERTURA.
- 2) BASE TEÓRICA.
- 3) SESSÕES ESPECIAIS.

Parte 1 - ABERTURA

- Sobre a Instituição.
- Sobre o Curso.
- Sobre o Material.

Parte 2 – BASE TEÓRICA

- Conceitos.
- Observações.
- Exemplos.

Parte 3 – SESSÕES ESPECIAIS

- Mapa de Estudo.
- Síntese Direta.
- Momento Quiz.

Boxes

Além dessas três partes, no desenvolvimento da BASE TEÓRICA, temos alguns BOXES interessantes, com intuito de tornar a leitura mais agradável, mesclando um estudo mais profundo e teórico com pausas pontuais atrativas, deixando a leitura do todo “mais leve” e interativa.

Os BOXES são:

- VOCÊ SABIA



São informações complementares contextualizadas com a base teórica, contendo curiosidades que despertam a imaginação e incentivam a pesquisa.

- PAUSA PARA REFLETIR...



Um momento especial para descansar a mente do estudo teórico, conduzindo o cursista a levar seus pensamentos para uma frase, mensagem ou indagação subjetiva que leve a uma reflexão pessoal e motivacional para o seu cotidiano.

- SE LIGA NA CHARADA!



Se trata de um momento descontraído da leitura, com a apresentação de enigmas e indagações divertidas que favorecem não só a interação, mas também o pensamento e raciocínio lógico, podendo ser visto como um desafio para o leitor.

Base Teórica

A MENTE HUMANA E OS ASPECTOS PSICOLINGÜÍSTICOS QUE ENVOLVEM O PROCESSO DE LEITURA

A compreensão é a chave do trabalho. Sem ela, qualquer tarefa de leitura se torna penosa e irrelevante, por isso, saber ler é tratar com os olhos uma linguagem feita para os olhos e conscientizar-se de que só se aprende a ler lendo textos que não se sabe ler, mas de cuja leitura se tem necessidade (Rute Siqueira). Começemos, pois, tentando refletir acerca das seguintes questões:

- a) Que tipo de leitura faz parte do seu cotidiano? Jornais e revistas de circulação nacional, revistas em quadrinhos, romances, textos da sua área de conhecimento etc.?
- b) Você lê em outra língua além da sua língua materna? O que você lê?
- c) Você saberia descrever o processo que utiliza ao ler um texto em Português?
- d) Será que o mesmo processo ocorre quando lemos algo em uma língua estrangeira?
- e) Você se considera 'um bom leitor'?
- f) O que seria 'um bom leitor' para você?

Podemos considerar a leitura, para os estudantes de uma língua estrangeira, como a mais importante das quatro habilidades linguísticas, uma vez que permite a esse aluno estar exposto à língua alvo e ao mesmo tempo receber **inputs** linguísticos, com o objetivo de construir sua proficiência naquela língua. Mas o fato de apenas estar exposto à leitura não é suficiente para tornar-se um leitor proficiente. Os estudantes de uma língua estrangeira devem ter em mente que ler vai além de decodificar representações gráficas, ou seja, ler palavras. Ler é muito mais do que passar do código escrito para o código oral. Ler é um processo ativo e interativo; um processo comunicativo, que exige do leitor uma perfeita interação com o texto a ser lido. Leffa (1999, p. 14) afirma que:

Parte-se do princípio de que para haver interação é necessário que haja pelo menos dois elementos e que esses elementos se relacionem de alguma maneira. No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimento envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. Em resumo, podemos dizer que quando lemos um livro,

provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo.

Para ler um texto, utilizamos uma série de conhecimentos prévios que temos sobre o mundo, sobre a linguagem e também sobre o texto escrito. Quando lemos em língua materna, a utilização desses diferentes tipos de conhecimento se dá de forma automática, diferentemente da leitura em língua estrangeira. A conscientização de tais processos pode auxiliar o aluno leitor a utilizá-los de forma intencional em um novo contexto de uso, como é o caso da leitura em língua estrangeira.

Ilustraremos essa questão com um texto em Português, que explora uma das habilidades de um leitor proficiente: a inferência do sentido das palavras no contexto. Apesar de escrito em Português, o texto apresenta inúmeras palavras estranhas ao nosso vocabulário.

Portanto, lembre-se que a leitura e a compreensão de textos podem ser facilitadas, se o aluno leitor fizer uso do seu conhecimento prévio de mundo, gerando expectativas no nível de construção do significado nesse novo contexto. Em se tratando de uma língua estrangeira, essas expectativas podem, inclusive, resolver alguns problemas linguísticos, como vimos no boxe acima. Além disso, vale observar, que no nível de organização do conteúdo, os textos tendem a seguir alguns padrões estereotipados, que nos auxiliam na categorização do seu conteúdo.

EXEMPLO:

Um artigo científico geralmente é organizado em categorias de informação do tipo: resumo, introdução, revisão de literatura, metodologia, discussão e conclusão. Cada uma dessas categorias tem uma função específica dentro do texto e tal função afeta o tipo de informação que elas veiculam.

Até aqui destacamos a importância do conhecimento prévio no processo de leitura: conhecimento prévio de mundo, de tema ou assunto e linguístico. Acrescentamos a referência contextual, as habilidades cognitivas, a exemplo de refletir, pensar, avaliar etc. e as estratégias de leitura, como outros fatores envolvidos no processo de leitura.

Agora tentaremos responder as duas últimas proposições, que contrastam bons e maus leitores. Enfim, você se considera um bom leitor? O que seria um bom leitor, afinal?

De acordo com Cook (1989), são considerados bons leitores aqueles que utilizam um número variado de comportamentos estratégicos para ativar seu conhecimento prévio de

mundo e engajar-se efetivamente no processo de leitura. O quadro 1 (*tabela 1*) resume o comportamento cognitivo de bons e maus leitores, de acordo com Cook (1989). Aproveite e reflita sobre como se dá o seu próprio processo de leitura.

	BONS LEITORES OU LEITORES PROFICIENTES	MAUS LEITORES OU LEITORES INEXPERIENTES
ANTES DE LER	<ul style="list-style-type: none"> • ativa o conhecimento prévio • compreende a tarefa e estabelece um propósito • escolhe estratégias apropriadas 	<ul style="list-style-type: none"> • começa a ler sem preparação • lê sem saber por quê • lê sem considerar como abordar o material
DURANTE A LEITURA	<ul style="list-style-type: none"> • foca a atenção na leitura • antecipa e prediz • usa estratégias de reparo quando ocorre falta de compreensão • utiliza pistas contextuais para compreender termos novos • utiliza a estrutura do texto para ajudar na compreensão • utiliza, organiza e integra a informação nova • automonitora a compreensão, sabendo: <ul style="list-style-type: none"> • que está ocorrendo compreensão • que está sendo entendido 	<ul style="list-style-type: none"> • distrai-se facilmente • lê para chegar ao fim • não sabe o que fazer quando ocorre falta de compreensão • não reconhece o vocabulário importante • não reconhece qualquer tipo de organização • adiciona a nova informação ao invés de integrá-la • não entende que não compreende
DEPOIS DE LER	<ul style="list-style-type: none"> • reflete sobre o que foi lido • sente que seu sucesso é resultado de esforço • resume as ideias de maior importância • procura por informação extra em outras fontes 	<ul style="list-style-type: none"> • para de ler e de pensar • acha que seu sucesso é resultado da sorte

Tabela 1: Quadro 1/ Características de bons e maus leitores (baseado em Cook, 1989).

Ao examinarmos as diferenças demonstradas no quadro 1, entre os comportamentos de bons e maus leitores, podemos avaliar o grau de engajamento de bons leitores em um processo metacognitivo interativo. Ao ler, o bom leitor reconhece que ele próprio e o autor do texto utilizam o mesmo código, a mesma linguagem; que o autor, com aquele texto, quer enviar uma mensagem; e finalmente, que o autor do texto deseja que você, leitor, compreenda aquela mensagem.

- ✓ **Metacognição:** dá-se o nome de metacognição ao tipo de conhecimento, ou à faculdade de planificar, de dirigir a compreensão e de avaliar o que foi aprendido. Etimologicamente, a palavra metacognição significa para além da cognição, isto é, a faculdade de conhecer o próprio ato de conhecer, ou, em outras palavras, conscientizar, analisar e avaliar como se conhece. Apesar de o termo metacognição ser relativamente

recente na literatura — entrou em voga por volta dos anos 1970, sendo introduzido na Psicologia por Flavell —, já desde o início do século que pedagogos e psicólogos (DEWEY, 1910; HUEY, 1908, 1968; THORNDIKE, 1917, citados em BROWN, 1987) demonstraram estar conscientes de que o estudo e a leitura envolvem um tipo de atividades agora denominadas de metacognitivas. Um domínio onde este problema parece estar acentuado é no da leitura e, por conseguinte, do estudo. De acordo com Flavell (1976), o autoquestionamento sobre um texto pode funcionar não apenas para aumentar o seu conhecimento (função cognitiva), mas também para monitorizá-lo (função metacognitiva). Esta afirmação demonstra a inter-relação das funções cognitivas e metacognitivas, isto é, uma determinada atividade pode ser vista como uma estratégia (olhar para os pontos principais), possuir uma função de monitorização (uma atividade metacognitiva), e ser uma reflexão sobre o conhecimento (também uma atividade metacognitiva) (BROWN, 1987).

Enquanto bons leitores se organizam para a leitura, ativam seu conhecimento prévio de mundo e se engajam no propósito da leitura, maus leitores parecem começar a ler sem nenhum planejamento e sem sequer ativar o conhecimento que ele possuem sobre aquele assunto.

Os objetivos da leitura

Tire alguns minutos para listar os diferentes tipos de leitura, em qualquer língua, que você fez nos últimos dias. Em seguida, separe os itens elencados por você em categorias, ou seja, de acordo com a linguagem em que eles foram escritos, em que língua foram escritos ou mesmo se fazem parte do seu cotidiano, ou apenas fazem parte da sua vida acadêmica. Finalmente, de posse dessas informações, responda às seguintes questões:

- a) Por que você leu cada um desses itens?
- b) Mencione algum propósito específico.
- c) Que tipo de informação você quer tirar dessas leituras?
- d) De que forma você leu cada um desses itens?

Certamente, dentre as leituras elencadas por você, tenha aparecido itens tais como:

- ✓ jornais
- ✓ revistas semanais
- ✓ livro de poemas
- ✓ lista telefônica
- ✓ bulas de remédio

- ✓ propagandas
- ✓ receitas culinárias
- ✓ cartões de visita
- ✓ e-mails
- ✓ páginas eletrônicas
- ✓ artigos científicos
- ✓ resenhas de filme
- ✓ listas de compras
- ✓ correspondências
- ✓ manuais de instrução
- ✓ cardápios
- ✓ panfletos
- ✓ faturas de cartão de crédito
- ✓ etc.

Agora pense sobre a forma que você leu cada um dos itens elencados e chegará à conclusão de que todos nós lemos de maneiras diferentes; e a maneira diferente depende do objetivo, do propósito da nossa leitura. Lemos alguma coisa porque nos interessa. Você lê um catálogo telefônico da mesma forma que lê uma procuração? Claro que não. A forma como corremos os olhos pela lista telefônica é bem diferente da forma cuidadosa que utilizamos ao ler uma procuração. O interesse e o propósito da sua leitura influenciam sobremaneira a forma daquela leitura. Toda leitura deve ter um propósito. Lemos porque queremos algo daquela leitura.

Os gêneros textuais

Diariamente, entramos em contato com uma grande variedade de textos, no nosso cotidiano, como os que listamos anteriormente. Ao nos depararmos com alguma coisa escrita, qual é a nossa primeira reação? Identificar o tipo do texto que temos em mãos, logicamente. Além disso, ativamos o nosso conhecimento prévio de mundo, aquele conhecimento individual que cada um acumulou até aqui, para trazermos ao vocabulário ativo a possibilidade de ocorrência de um número variado de ideias e palavras. Observe! Se eu estou em um restaurante lendo o cardápio para fazer a minha escolha, certamente espero encontrar palavras como carne, frango, peixe, tão comuns e óbvias em um cardápio.

Denominamos gêneros textuais essa variedade de textos cuja função comunicativa é reconhecida social e culturalmente por determinada comunidade. Além de terem essa função

comunicativa específica, os gêneros textuais se caracterizam pela organização, estrutura gramatical e vocabulário específico, assim como pelo contexto social em que ocorrem.

Várias são as definições de gêneros textuais; e todas enfatizam o propósito específico do gênero, sua característica principal. Dentre as muitas conceituações existentes na literatura, escolhamos trabalhar com a de Ramos (2004, p. 115), que define gênero como “uma atividade direcionada por objetivos e propósitos realizada em estágios e na qual os falantes se engajam como membros de nossa cultura”.

Como, então, reconhecer o gênero de um texto? Para reconhecermos o gênero de um texto, precisamos ter conhecimento do seu formato (layout), isto é, das características próprias a ele, as quais o farão diferente dos demais gêneros.

Observem o gênero textual no texto 1. Trata-se de uma receita culinária.

Podemos concluir que a familiaridade com o gênero textual possibilita ao leitor efetuar leituras mais eficientes e direcionadas, pois permite localizar informações mais rapidamente, isto é, chegar ao objetivo da leitura sem perda de tempo.

Os níveis de compreensão

Como vimos no início dessa aula, lemos de diferentes formas e com diferentes propósitos. E lemos um número variado de textos. Muitas vezes, lemos por motivos práticos e bem definidos, como quando consultamos uma lista telefônica para encontrar o número do telefone de uma pessoa. Outras vezes, o nosso propósito se define de modo inconsciente, por exemplo, quando estamos lendo o noticiário de um jornal. Também lemos textos sobre assuntos relacionados a nossa área de conhecimento, em busca de novas ideias. E, muitas vezes, lemos simplesmente pelo prazer que a leitura nos traz.

Podemos então afirmar que alguns dos objetivos mais comuns da leitura são:

- 1) **aplicação prática:** leitura utilitária, em que buscamos informações necessárias a nossa sobrevivência;
- 2) **aprendizagem:** leitura destinada a expandir o nosso conhecimento de mundo;
- 3) **entretenimento:** leitura motivada principalmente pelo prazer que traz ao leitor.

Muito bem! Já vimos que lemos de maneiras diferentes e que temos objetivos diversos ao lermos um texto; e também que a maneira como lemos depende do objetivo da nossa leitura. Mas precisamos ter em mente, também, que nem sempre precisamos ler todo o texto para obtermos a informação desejada. Se o meu propósito é encontrar a ideia geral de um determinado texto, não será necessário ler cada palavra isoladamente, porque não estamos

interessados em detalhes. Fazemos então uma leitura rápida, para obtermos uma compreensão geral.

Observe como você lê a sua revista semanal, por exemplo. Será que você a lê ordenadamente, seguindo o número de páginas e cada página inteiramente? É muito difícil que seja dessa forma.

Assim como um dado objetivo nos leva à leitura de um determinado assunto, há graus diversos de compreensão de um texto. O nível de compreensão varia de acordo com o nosso objetivo, com a necessidade e também com a dificuldade apresentada pelo texto.

Há 3 (três) níveis de leitura e várias estratégias que facilitam a compreensão do leitor, como podemos observar abaixo. Falaremos agora sobre os níveis; a respeito das estratégias, trataremos na próxima aula:

- 1) Compreensão geral;
- 2) Compreensão dos pontos (ideias) principais;
- 3) Compreensão detalhada.

A leitura em nível de compreensão geral, como o próprio nome diz, é feita rapidamente pelo leitor, que passa os olhos pelo texto, para obter uma ideia geral do assunto tratado, tentando descobrir o que o texto tem de essencial para satisfazer uma curiosidade ou uma necessidade sua.

A compreensão dos pontos principais requer um pouco mais da nossa atenção, pois além da ideia geral tentamos compreender os argumentos principais apresentados pelo autor sem, contudo, nos determos em detalhes.

Já no nível de compreensão detalhada, além de todos os procedimentos já citados nos outros níveis, há exigência de atenção cuidadosa por parte do leitor, que tenta conhecer todos ou quase todos os detalhes do texto, por necessidade, estabelecendo comparações com o que já sabe a respeito daquele assunto.

Estratégias de leitura

Várias são as estratégias (ou técnicas) de leitura. Para começar, nessa aula, lidaremos com algumas delas, que são:

- ✓ Evidências de dicas tipográficas;
- ✓ Palavras cognatas ou transparentes;
- ✓ Palavras repetidas;
- ✓ Skimming.

As estratégias aqui apresentadas já são utilizadas por nós, que lemos frequentemente em nossa língua materna. No entanto, quando se trata de uma leitura em outra língua, a coisa se complica; criamos barreiras, que podem atrapalhar o emprego dessas estratégias, atrapalhando o processo de compreensão.

A linguagem é um sistema, ou conjunto organizado de sinais estabelecidos pelo homem. Utilizamos a linguagem como instrumento na leitura, tanto da língua materna, quanto da língua estrangeira. Até aqui acredito que todos concordam.

Vimos também que ler não significa ler simplesmente palavras, frases etc. Lemos figuras, símbolos, gravuras, mapas etc., que não contêm palavras, mas que também fazem parte da leitura. Portanto, é importante reconhecermos que, além da linguagem verbal (palavras faladas/escritas), há a linguagem não verbal (gestos, imagens, outros sinais); e que juntas, as duas se completam no processo global da leitura. Reconhecê-las nos ajudará a dar significado a qualquer leitura.

As evidências tipográficas são dicas gráficas bastante evidentes, comuns a várias línguas, que auxiliam na compreensão do texto em qualquer nível (geral, de pontos principais ou detalhados).

São elas:

- a) Título.
- b) Subtítulo(s).
- c) Siglas.
- d) Símbolos.
- e) Palavras grifadas, em itálico e em **negrito**.
- f) Gráficos, gravuras, mapas, diagramas, quadros, tabelas etc.
- g) Maiúsculas.
- h) datas e números.
- i) Parágrafo.
- j) Pontuação.

As palavras transparentes, também chamadas de cognatas, normalmente são de origem grega ou latina, portanto bastante semelhantes ao nosso Português, na grafia, pronúncia e significado. São consideradas transparentes porque, até mesmo, para quem nunca tenha estudado inglês poderá saber o significado delas.

EXEMPLO:

A palavra *important* em Inglês é considerada uma palavra transparente, tamanha a semelhança entre ela e o seu significado importante em Português. *Banana*, *attention*, *national*, *chocolate*, *bicycle*, *modern*, são alguns outros exemplos de palavras transparentes.

A semelhança existente entre palavras da língua inglesa e a língua portuguesa deve-se ao fato de a nossa língua materna ser uma língua latina e de grande parte do vocabulário da língua inglesa provir do latim, herança da invasão e ocupação dos Romanos na Grã-Bretanha, no passado, por quase 400 anos.

Quanto às palavras repetidas, devemos estar atentos. A repetição de palavras de conteúdo, como substantivos e verbos, certamente é intencional. Significa que as mesmas estão comprometidas com a ideia central do texto e saber reconhecê-las será muito importante no processo de leitura e compreensão.

Os procedimentos supracitados fazem parte das estratégias utilizadas no processo de leitura em qualquer língua, independente do nível de compreensão que você quer atingir, no texto escolhido. Já as que apresentaremos a seguir dependerão do nível de leitura que você deseja alcançar, no texto que você tem em mãos.

Vimos, na aula anterior, que a leitura em nível de compreensão geral é feita rapidamente pelo leitor, que objetiva encontrar a ideia geral de um determinado texto. A essa técnica, ou estratégia, damos o nome de *skimming*. Fazer o *skimming* de um texto pressupõe entender o texto como um todo, adquirir a impressão geral sobre o assunto, saber como ele é organizado, além de ter uma ideia da intenção do autor. Provavelmente, você já utiliza essa técnica há algum tempo, por exemplo, quando está navegando na Internet à procura de alguma coisa em um site de busca. A técnica do *skimming* é muito utilizada no nosso dia a dia, quando folheamos um jornal ou revista para obter uma ideia geral das principais reportagens. Também, no contexto acadêmico o *skimming* é bastante utilizado, na seleção de material bibliográfico para trabalhos de pesquisa, por exemplo. Com esse procedimento, devemos nos deter nos pontos principais, que nos levarão a uma visão panorâmica do texto, deixando de lado o que não é essencial. Com uma rápida olhada e uma leitura superficial você consegue eliminar o que não lhe interessa e passar para outra informação sem perda de tempo.

Mas não devemos nos descuidar da atenção quando estamos fazendo o skimming de um texto, por se tratar de uma leitura rápida e um tanto superficial. Há alguns procedimentos que o ajudarão nessa tarefa:

- ✓ tenha em mente a(s) palavra(s) chave(s) da informação que você procura;
- ✓ ative seu conhecimento de mundo ou enciclopédico acerca do assunto em questão;
- ✓ apoie-se em palavras cognatas ou conhecidas (aquelas de origem grega ou latina) para rejeitar ou aceitar a informação apresentada;
- ✓ observe se há no texto figuras ou indicações gráficas referentes ao assunto;
- ✓ considere o título e o(s) subtítulo(s) quando houver;
- ✓ observe o formato do texto, os parágrafos, a sua disposição no papel;
- ✓ responda as perguntas:
- ✓ quem escreveu o texto?
- ✓ com que objetivo ele foi escrito?
- ✓ onde o texto circula?
- ✓ que gênero textual é?
- ✓ tente lançar hipóteses sobre o conteúdo do texto e sua função a partir de uma leitura superficial;
- ✓ confirme suas expectativas, reveja e lance novas hipóteses de acordo com dados presentes no texto e detectados por você na leitura superficial;
- ✓ faça uma segunda leitura para ampliar o conhecimento global do texto e confirmar suas inferências.

Os passos elencados acima serão de grande ajuda, quando você tiver como objetivo a compreensão geral de um texto. Não será preciso traduzir todo o texto para chegar ao que lhe interessa.

É de suma importância sabermos que o significado não é inerente ao texto, e sim que cada leitor constrói seu próprio significado a partir do seu conhecimento prévio, do assunto em questão e do que ele (leitor) espera do texto. É a relação do texto escolhido pelo leitor com outros “textos” já existentes no conhecimento anterior do leitor. Chamamos esse processo de intertextualidade.

Devemos utilizar o skimming em toda leitura que fizermos, o que resultaria em um enorme ganho de tempo, pois nos ateríamos apenas ao que realmente nos interessa.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Outra estratégia de leitura, bastante exercitada por nós leitores, é o scanning, utilizada quando procuramos em um texto uma informação específica. Scanning vem do verbo to scan, que em Inglês quer dizer olhar a procura de, esquadrihar, examinar ponto por ponto. Todos nós conhecemos um scanner, aquele aparelho que copia imagens no computador. Pois bem, o aparelho também tem a mesma origem.

Como vimos, anteriormente, nossos objetivos determinam como e o que vamos ler. Quando folheamos a nossa revista predileta, semanalmente, ou o jornal na Internet, o nosso objetivo é descobrir o que mais nos interessa, para posteriormente voltarmos e nos determos no assunto escolhido, na informação desejada. Quando agimos dessa forma, estamos fazendo um skimming, para obtermos uma visão geral no que nos está sendo apresentado.

O scanning é uma prática rotineira em nossas vidas. Consiste em correr rapidamente os olhos pelo texto até localizar a informação desejada. Portanto, o scanning é uma técnica de leitura rápida, assim como o skimming. Utiliza-se o scanning para, por exemplo, procurar o número de um telefone na agenda, para ler pequenos anúncios, para navegar pelas páginas da Internet, nos guias de TV a cabo, nos horários escolares, nas listas de compras etc.; sempre à procura de informações específicas. O scanning também é útil quando estamos estudando, ou procurando uma informação específica em um livro, ou em um artigo e não temos tempo suficiente para ler o livro ou o artigo totalmente. A habilidade de scanning fará com que você organize suas ideias. Essa organização é importante porque vai disciplinar sua leitura em língua estrangeira, selecionando apenas o que lhe interessa de um texto.

Vamos começar a exercitar a habilidade de scanning tentando executar, em Português, as tarefas a seguir:

- a) Procure sua receita favorita no índice do livro de receitas.
- b) Procure por um electricista no Catálogo das Páginas Amarelas.
- c) Navegue na Internet à procura da previsão do tempo para amanhã, na cidade de São Paulo.
- d) Procure saber os horários do filme que você deseja assistir no próximo final de semana.

OBSERVAÇÕES:

Assim como na habilidade de skimming, há algumas pistas (dicas) que poderão ser seguidas para que se obtenha êxito no scanning.

- 1) Evite ler 'palavra por palavra'. Deixe que seus olhos passem pela página até que você encontre o que está procurando.

- 2) Utilize como auxílio as dicas tipográficas, tais como títulos, subtítulos, símbolos, imagens etc.
- 3) Localize palavras cognatas e conhecidas.
- 4) Quando for ler para estudo, comece por pensar ou escrever algumas questões para as quais você procura respostas. Fazendo isso, você consegue focar sua mente, o que o ajudará a encontrar tais respostas mais facilmente.

Revisando o 'skimming' e o 'scanning'

Já vimos que o significado não é inerente ao texto; que cada leitor constrói o significado à medida que traz seu próprio significado ao que ele lê, baseado na sua expectativa e no conhecimento de mundo que possui. Ao lermos as várias partes de um texto, construímos a sua coerência. A dificuldade encontrada por você vem exatamente da ausência de conhecimento prévio sobre os assuntos tratados. Os gêneros apresentados não fazem parte do nosso cotidiano. O primeiro texto é um panfleto informativo de uma biblioteca dos EUA. O segundo é a página de uma publicação específica para estudantes universitários. O terceiro texto não deve ter apresentado maiores dificuldades, uma vez que fala de um assunto mundialmente abordado. O último, a página da Internet, talvez tenha sido ainda mais fácil, pois com tantas imagens e dicas tipográficas, facilmente você conseguiu compreender o seu objetivo.

Deduzindo o significado pelo contexto

Além de podermos inferir ou predizer o conteúdo geral de um texto através do seu título, de figuras ou fotos que o acompanhem, da estrutura do texto, do seu layout etc., podemos também inferir o significado daquelas palavras desconhecidas:

- a) pelo nosso conhecimento prévio, sobre o assunto tratado no texto;
- b) pelo contexto semântico e/ou linguístico onde essas palavras ou expressões aparecem.

Em Inglês, chamamos essa estratégia de prediction, porque inferimos ou supomos o significado das palavras ou expressões utilizando o contexto onde elas aparecem. Logicamente, quando estamos diante de um assunto do nosso conhecimento, as inferências serão muito mais confiantes. Já quando tratamos do contexto linguístico, nem tanto, pois exige de nós outro tipo de conhecimento, específico daquela língua e que ainda se encontra em construção.

A inferência é uma estratégia de grande valor na compreensão de textos em língua estrangeira. Até o leitor chegar à compreensão da mensagem, muitas suposições ocorrem. Utilizando o contexto, podemos tentar adivinhar o significado de palavras ou expressões desconhecidas, observando onde a palavra ou expressão aparece e, assim, construirmos o significado do que estamos lendo. Quanto ao contexto linguístico, o reconhecimento de sufixos e/ou prefixos nas palavras ou expressões desconhecidas, por exemplo, pode facilitar a confirmação do significado, além de nos fornecer outras informações mediante o contexto de atuação daquela palavra ou expressão. Na aula seguinte, iniciaremos o estudo dos elementos constitutivos do contexto linguístico. A habilidade de inferir é utilizada também para resgatar mensagens que não aparecem de forma explícita no texto. É o que chamamos de “ler nas entrelinhas”. Ler nas entrelinhas demanda que o leitor tenha em mente as ideias expressas pelo texto e não apenas palavras ou expressões isoladas.

Muito bem! Agora que teoricamente já estudamos sobre a habilidade de inferência, que tal aplicarmos toda essa teoria em uma atividade de fixação? Vamos a ela!



SE LIGA NA CHARADA!

PERGUNTA:

Por que as vacas olham para o céu na Argentina?

RESPOSTA:

Para ver “Boinos Aires”.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA

A importância do conhecimento sistêmico na construção do significado

Quando você se depara com uma dificuldade em um texto escrito em Inglês, ir adiante à leitura, frequentemente faz com que chegue ao seu entendimento. Às vezes, entretanto, a compreensão de um texto por inteiro depende do entendimento de uma única frase. Sentenças grandes, que possuem vocabulário difícil ou itens gramaticais complexos, muitas vezes, trazem grandes problemas aos leitores. As sugestões a seguir darão a você a oportunidade de desenvolver estratégias para lidar com sentenças mais complicadas.

a) Reconheça o que torna aquela frase difícil:

- ✓ Se o problema é com o vocabulário, pode ser que você consiga compreender a frase sem precisar ler palavra por palavra. Tente sublinhar as palavras desconhecidas, por exemplo, ou os significados das outras palavras na frase ou

parágrafo e a própria frase como um todo, a fim de reduzir o número de possíveis significados.

- ✓ Se a frase é muito longa, tente parti-la em pequenas partes, ou reconheça que partes expressam os detalhes específicos que sustentam a ideia principal. Estas partes frequentemente aparecem entre vírgulas, ou iniciadas por palavras como quem, qual, que etc., que normalmente são usadas para dar informação extra. Tente cortar esses detalhes para que seja mais fácil reconhecer a ideia central.
- b) Reconheça as importantes dicas gramaticais e de pontuação que podem modificar o significado daquela frase, além de mostrar as relações entre as várias partes da frase:
- ✓ Procure por palavras e afixos que podem modificar o sentido daquela frase. A maioria dos sufixos e prefixos é de origem latina ou grega, portanto, utilizados por nós.
 - ✓ Procure por pistas de pontuação. Observe que aspas, itálicos, exclamações etc., por exemplo, são essenciais à frase; e que se forem omitidos podem modificar sobremaneira o significado das sentenças.
 - ✓ Procure palavras ou expressões que demonstram relação de sentido dentro da frase, como, por exemplo, os marcadores de discurso, tais como although, in order to, because etc., que trazem em si sentido.
- c) Fique satisfeito com a ideia geral sobre a palavra desconhecida: a definição exata ou o sinônimo daquela palavra/expressão nem sempre lhe será necessário.
- d) Reconheça situações nas quais não há necessidade de saber o significado da palavra/expressão em questão.

Uma leitura eficiente requer o uso de várias habilidades em resolver problemas. Por exemplo, saber o significado exato de cada palavra lida é uma missão praticamente impossível. Mas se você exercitar a sua habilidade de inferência, você certamente será capaz de compreender o suficiente para chegar ao significado total de uma sentença, de um parágrafo ou mesmo de um texto. Exercícios de pistas contextuais, como o que faremos a seguir, são designados a auxiliá-lo a melhorar essa habilidade. Ao utilizar o contexto para decidir o significado de uma palavra/expressão, você precisa usar a sua compreensão das ideias do autor, bem como o seu conhecimento sistêmico da língua em questão. Lembre-se sempre que não há nenhuma fórmula mágica para resolver essa questão, a não ser exercitando.

Deduzindo o significado pelo contexto

Como vimos, podemos inferir ou predizer o significado de palavras/expressões, ou até mesmo do conteúdo geral de um texto como um todo, através das várias dicas apresentadas até aqui.

Muitas dificuldades podem surgir quando decidimos ler algum texto escrito em Inglês. Dificuldades de naturezas diversas: o desconhecimento do assunto tratado, a insuficiência de vocabulário, o desconhecimento das estratégias de leitura etc. Perdemos muito do que lemos por não sabermos como nos posicionar diante de um texto. E, quando temos informações insuficientes sobre a língua na qual o texto é escrito, qualquer resposta extraída daquele texto representa um passo fundamental em direção à sensação de “não entender nada” do que se está lendo.

Ler e compreender bem um texto requer do leitor muita atenção a particularidades do texto.

EXEMPLO:

- ✓ Perceber a frequência e distribuição de uma palavra ou expressão dentro de um texto: descobrir que uma determinada palavra repete-se algumas vezes e, por isso, tem um papel significativo dentro da temática do texto.
- ✓ Observar a frequência com que certos elementos, do tipo gráficos, cifrões, tabelas, percentuais etc. são utilizados. Geralmente, eles facilitam o reconhecimento do gênero textual.
- ✓ Analisar o texto para perceber se há palavras parecidas com o Português.
- ✓ Observar o tipo de letra usado.
- ✓ Analisar o layout do texto, o aspecto visual apresentado, as ilustrações e sua disposição dentro do texto.

Todos esses elementos podem nos revelar:

- ✓ O tipo de texto.
- ✓ Para quem o texto foi escrito.
- ✓ O assunto tratado.
- ✓ A fonte de onde foi, possivelmente, retirado (revistas, jornais etc.).
- ✓ O propósito do autor (informar, divertir, convidar, reclamar etc.).
- ✓ O nível de formalidade (formal, informal ou neutro).

Agora, vamos exercitar o conhecimento construído nessa aula com os exercícios a seguir.

IDENTIFICANDO O TEMA, A IDEIA PRINCIPAL E O TÓPICO FRASAL

Identificando o tema e a ideia principal

A fim de lermos e compreendermos o que lemos é necessário determinar o pensamento central ou a ideia principal do texto. Ou seja, para atingirmos a compreensão geral de um texto, precisamos identificar o assunto do texto e entender o que o autor está tentando dizer sobre ele.

Um capítulo de um livro ou um artigo científico, por exemplo, tem uma única ideia principal. A ideia central de gêneros textuais desse tipo é chamada de tema. Cada parágrafo desses textos exporá alguns aspectos sobre o tema relativos ao texto como um todo.

O parágrafo dá um recado ao leitor: diz que ali, naquele bloco, foi desenvolvida uma ideia. Uma só. Por isso o parágrafo é uma unidade de composição. Nele há uma ideia central; e tantas secundárias quantas forem necessárias para sustentá-la.

Mesmo em parágrafos individuais, que não são parte de um texto maior, essa afirmação procede. As frases individuais em um parágrafo sustentam a ideia principal, descrevendo-a, explicando-a, ou detalhando-a.

Definimos parágrafo como uma série de sentenças organizadas, coerentes e relacionadas a um único assunto. Quase todo texto escrito, que contenha mais do que poucas frases, deve ser organizado em parágrafos. Os parágrafos indicam ao leitor onde as partes do texto começam e terminam, além de ajudá-lo no reconhecimento do gênero e dos pontos principais.

Todo e qualquer parágrafo contém informações diversas, que podem ser, a saber, uma série de pequenos exemplos ou uma explanação sobre um único assunto. Podem descrever lugares, personagens, ou processos; narrar uma série de eventos; comparar ou contrastar duas ou mais coisas; classificar itens em categorias; ou mesmo descrever causas e efeitos. Apesar da informação contida, todo parágrafo compartilha certas características próprias. Saber reconhecê-las certamente nos auxiliará na compreensão.

Parágrafos bem escritos têm um mesmo tópico, ou seja, falam sobre o mesmo tema. Ser capaz de determinar o tema de um parágrafo é uma das habilidades de leitura mais úteis que você pode desenvolver, além de ser uma habilidade que pode ser aplicada a qualquer tipo de leitura.

A ideia principal de uma passagem é o pensamento que está presente do seu início ao fim, além de nos falar sobre o que o autor pensa sobre aquele tópico. Em um parágrafo bem escrito, a maioria das frases dá suporte, descreve, explica, ou resume a ideia principal. A ideia principal normalmente está contida na primeira ou na última frase do parágrafo. Por outras vezes, a ideia principal não é expressa, está implícita, no próprio parágrafo; mas deve ser compreendida.

Compreender a organização global de um texto bem escrito contribui para a compreensão das partes, ou seja, dos parágrafos. Reconhecer a organização de um texto leva-nos a uma compreensão clara da mensagem que é passada pelo autor.

Para reconhecer a ideia principal de um parágrafo, analise as questões a seguir:

- ✓ Que ideia é comum a todas ou à maioria das frases do parágrafo?
- ✓ Que ideia as frases possuem em comum?
- ✓ O que as frases do parágrafo descrevem ou explicam?
- ✓ Sobre que assunto o parágrafo dá detalhes?

Atividade: reconhecendo o tópico frasal

A ideia central do parágrafo é enunciada através do período denominado **tópico frasal**. Esse período orienta ou governa o resto do parágrafo; dele nascem outros períodos secundários ou periféricos; ele vai ser o roteiro do escritor na construção do parágrafo; ele é o período mestre, que contém a frase-chave.

Como o enunciado de uma tese, que dirige a atenção do leitor diretamente para o tema central, o tópico frasal ajuda o leitor a agarrar o fio da meada do raciocínio do escritor; como a tese, o tópico frasal introduz o assunto e o aspecto desse assunto, ou a ideia central com o potencial de gerar ideias-filhote; como a tese, o tópico frasal é enunciação argumentável, afirmação ou negação que leva o leitor a esperar mais do escritor (uma explicação, uma prova, detalhes, exemplos) para completar o parágrafo ou apresentar um raciocínio completo.

Observa-se que a ideia central do parágrafo é apresentada logo no princípio mediante o tópico frasal, que é a oração que introduz a ideia central a ser desenvolvida em um parágrafo. O tópico frasal geralmente vem seguido de outros períodos, que explicam ou detalham a ideia central.

Poucas vezes, o tópico frasal pode vir no fim do parágrafo. E, em alguns casos, é melhor que se coloque outra frase antes do tópico frasal, a saber, quando essa frase está ligando aquele parágrafo ao anterior; ou quando ela representa alguma informação prévia.

Embora a grande maioria dos parágrafos deva ter um tópico frasal, há algumas situações em que ele não é necessário. Podemos omitir o tópico frasal, por exemplo, em parágrafos que narram uma série de eventos; ou em parágrafos que continuam a desenvolver uma ideia introduzida no parágrafo anterior; ou mesmo se todas as frases e detalhes em um parágrafo referem-se claramente (por vezes indiretamente) a um único ponto principal.

- ✓ **Tópico frasal:** expressão utilizada por Othon M. Garcia (GARCIA, 1988, p. 206) como tradução do inglês 'topic sentence', o tópico frasal designa um ou dois períodos curtos iniciais que contêm a ideia-núcleo do parágrafo em texto dissertativo, descritivo ou narrativo. O tópico frasal é uma eficiente e prática maneira de estruturar o parágrafo, pois já de início expõe a ideia que se quer passar, a qual é comprovada e reforçada pelos períodos subsequentes. O autor diz que, embora haja outras formas de se construir parágrafo, a maioria (mais de 60%) é assim estruturada, de acordo com suas pesquisas.

Segundo Othon Garcia, a montagem do parágrafo dessa forma provavelmente tenha origem no raciocínio categórico-dedutivo, herança greco-latina, pois o tópico frasal constitui generalização, especificado pelos períodos seguintes. Expondo-se de saída a ideia-núcleo, a coerência e a unidade do parágrafo ficam asseguradas e dessa forma se evitam considerações desnecessárias. Em suma, fica mais fácil garantir a coesão textual do parágrafo, o que implica produzir coerência semântica e lógica nos períodos que o constituem, característica importante em texto dissertativo.



PAUSA PARA REFLETIR...

Não basta conquistar a sabedoria, é preciso usá-la.

Cícero.

O USO DO DICIONÁRIO

Conhecendo o dicionário

O dicionário é, dentre os recursos de aprendizagem existentes, o mais disponível, o mais barato e o mais utilizado. Mas é também o mais difícil de usar. Encontrar a palavra certa

no dicionário pode ser um trabalho árduo, se você não compreender a informação dada sobre a palavra ou expressão que você está procurando.

Nosso trabalho foi desenvolvido sem o uso do dicionário, até o momento, para que você se acostumassem a deduzir e inferir significados através do contexto, concentrando-se mais em ideias do que em palavras – estratégia de um bom leitor.

Devemos utilizar o dicionário apenas como último recurso do qual dispomos. Assim, se a palavra desconhecida for polissêmica (com mais de um significado), você estará em melhores condições de fazer uma escolha mais adequada.

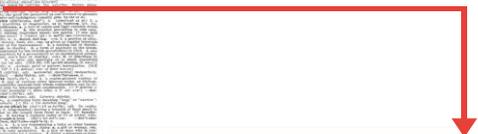
EXEMPLO:

Polissemia em Português.

Você perceberá que somente o contexto esclarecerá o significado das palavras em itálico.

- ✓ “Passei por debaixo daquela árvore e quase levei com uma *manga* na cabeça.”
- ✓ “Essa não! Acabei de rasgar a *manga* da camisa neste prego.”
- ✓ “Meu avô sempre dizia que não se *manga* da desgraça dos outros.” “Ele apagou as *velas*.”
- ✓ “Tenho que limpar as *velas* do carro.”
- ✓ “O marinheiro levantou as *velas* do barco.”
- ✓ Em Inglês não é diferente. Exemplos como esses também são comuns. Observe:
- ✓ “Many ships cross the Suez Canal every day.” “The *cross* is the most important symbol of the Christian faith.”
- ✓ “Some people are much afraid of thunder and they usually *cross* themselves to involve God’s protection.”
- ✓ “A mule is a *cross* between a horse and an ass.”

Pois bem, para que você consiga distinguir qual dos significados da palavra encontrados no dicionário você precisa, é necessário, primeiramente, que você reconheça a informação específica e indicativa, contida nos verbetes. O quadro 1 (partes I, II, III e IV) (*figura 1,2 e 3*) é uma cópia da página de um dicionário.



doggy → () ()

adj., superl. -gon-est, adv. Informal. —v.t. 1. to damn: Doggone your silly ideas. —adj. 2. Also, doggoned. damned; confounded: Well, I'll be doggoned. —adv. 3. Also, doggoned. damned: a doggone fool. [euph. alter. of God damn(ed)]

dog·gy¹ (dô/gē, dog'ē), n., pl. **-gies**. 1. a little dog or a puppy. 2. (used as a pet term for any dog.) Also, **dog'gie**. [dog + -y²]

dog·gy² (dô/gē, dog'ē), *adj.*, **-gi-er, -gi-est**. 1. of or pertaining to a dog: a doggy smell. 2. pretentious; ostentatious. Also, **dog'gie**. [ME; see dog, -y¹]

dog'gy bag'. See **doggie bag**.

dog-house (dôg/hous', dog'-), n., pl. **-hous-es** (-hou'ziz). 1. a small shelter for a dog. 2. (on a yacht) a small cabin that presents a relatively high profile and gives the appearance of a box. 3. **in the doghouse**, *Slang*. in disfavor or disgrace: *He's in the doghouse because he forgot his wife's birthday.*

do-gie (dô/gē), n. *Western U.S.* a motherless calf in a cattle herd. Also, **dogey, dogy**.

dog' in the man'ger, a person who selfishly keeps something so that others may not use or enjoy it.

dog' Lat'in, 1. mongrel or spurious Latin. 2. a jargon imitating Latin.

dog·leg (dôg/leg', dog'-), n. 1. something bent at a sharp angle. —*adj.* 2. dog-legged.

dog·leg fence'. See **snake fence**.

dog-leg-ged (dôg/leg'id, -legd', dog'-), *adj.* bent like the hind leg of a dog. Also, **dogleg**.

dog·ma (dôg'mə, dog'-), n., pl. **-mas, -ma-ta** (-mə tə). 1. a system of principles or tenets, as of a church. 2. a specific tenet or doctrine authoritatively put forth, as by a church: *the dogma of the Assumption*. 3. prescribed doctrine: *political dogma*. 4. a settled or established opinion, belief, or principle: *the dogma that might makes right*. [

dog·ma-tic (dôg mat'ik, dog-), *adj.* 1. of, pertaining to, or of the nature of a dogma or dogmas; doctrinal. 2. asserting opinions in a doctrinaire or arrogant manner; opinionated. Also, **dog·mat'i-cal**. [dogmatic(us) < Gk *dogmatikós* = dogmat-(s: of *dôgma*) + -ikos -ic] —**dog·mat'i-cal-ly**, *adv.*

dog·mat-ics (dôg mat'iks, dog-), n. (*construed as sing.*) the science that treats of the arrangement and statement of religious doctrines, esp. of the doctrines received in and taught by the Christian church. Also called **dogmat'ic theol'ogy**. [see **DOG-MATIC, -ICS**]

dog·ma-tise (dôg'mə tîz', dog'-), *v.i., v.t.*, **-tised, -tis-ing**. *Chiefly Brit.* dogmatize. —**dog'ma-ti-sa'tion**, n. —**dog'ma-tis'er**, n.

dog·ma-tism (dôg'mə tîz'əm, dog'-), n. dogmatic character; unfounded positiveness in matters of opinion; arrogant assertion of opinions as truths. [dogmatism(us) (see **DOG-MATIC, -ISM**); r. *dogmatisme* < F]

dog·ma-tist (dôg'mə tîst, dog'-), n. 1. a person who asserts his opinions in an unduly positive or arrogant manner; a dogmatic person. 2. a person who lays down dogmas. [dogmatist(a) = *dogmat(izāre)* (to) **DOG-MATIZE** + -ista -ist]

() ←

() ←

() ←

Figura 1: página de dicionário.



dolly

2 ()

Your misfortune is not of my doing. **2. doings**, deeds; proceedings; happenings; events. [ME]

doit (doit), *n.* **1.** Also, **duit**, a former small copper coin of the Netherlands and its colonies: first issued in the 17th century. **2.** a bit or trifle. [< D *duit*; akin to Icel *thveiti* small coin, E *thwait* clearing (< Scand), *thwite* to WHITTLE]

do-it-yourself (dōō'it yər self' or, commonly, -i chər-), *adj.* **1.** of or designed for construction or use by amateurs without special training. —*n.* **2.** the activity or hobby of building or repairing by oneself.

dol., dollar.

do·lab·ri·form (dō lab'rə fōrm'), *adj.* *Bot., Zool.* shaped like an ax or a cleaver. [< L *dolābr(a)* mattock, pickax + -i- + -FORM]

Dol/by Sys/tem (dōl'bē), *Trademark.* a device with a simplified electronic circuit that reduces the background noise added to a sound signal by the medium in which it is recorded or transmitted, as magnetic tape recording. [named after Ray Dolby (b. 1933), U.S. inventor] —**Dol-by-ized** (dōl'bē i'zd), *adj.*

dol·ce (dōl'chā; *It.* dōl'che), *adj.* *Music.* sweet; soft. [< It < L *dulcis* savory, sweet; see DULCET]

dol·ce far nien·te (dōl'che fār nyen'te) *Italian.* pleasing inactivity. [lit: (it is) sweet to do nothing]

dol·ce vi·ta (dōl'che vē'tā; *Eng.* dōl'chā vē'tā), *Italian.* sweet life; the good life perceived as one devoted to pleasure or excessive self-indulgence (usually prec. by *the* or *la*).

dol·drums (dōl'drəmz, dōl'-), *n.* (*construed as pl.*) **1.** a state of inactivity or stagnation, as in business, art, etc. **2. the doldrums**, **a.** a belt of calms and light variable winds near the equator. **b.** the weather prevailing in this area. **3.** a dull, listless, depressed mood; low spirits. [? obs. *dold* stupid (see DOLT) + -rum(s) (pl.) *n.* suffix (see TANTRUM)]

dole¹ (dōl), *n., v., doled, dol·ing.* —*n.* **1.** a portion or allotment of money, food, etc., esp. as given at regular intervals in charity or for maintenance. **2.** a dealing out or distributing, esp. in charity. **3.** a form of payment to the unemployed instituted by the British government in 1918. **4.** any similar payment by a government to an unemployed person. **5.** *Archaic.* one's fate or destiny. —*v.t.* **6.** to distribute in charity. **7.** to give out sparingly or in small quantities (usually fol. by *out*). [ME *dōl*, OE (*ge*)*dāl* sharing; cf. DEAL¹]

dole² (dōl), *n.* *Archaic.* grief or sorrow; lamentation. [ME *do(e)l* < OF < LL *dol(us)*, var. of *dolor* DOLOR]

dole·ful (dōl'fəl), *adj.* sorrowful; mournful; melancholy. [ME *dolful*] —**dole'ful·ly**, *adv.* —**dole'ful·ness**, *n.*

dol·er·ite (dōl'ə rit'), *n.* **1.** a coarse-grained variety of basalt. **2.** any of various other igneous rocks, as diabase. **3.** any basaltlike igneous rock whose composition can be determined only by microscopic examination. [< F *dolérite* < Gk *doler(ōs)* deceitful (< *dōlos* wile) + F -ite -itē¹] —**dol·er·it·ic** (dōl'ə rit'ik), *adj.*

dole·some (dōl'səm), *adj.* *Literary.* doleful.

dolicho-, a combining form meaning "long" or "narrow": *dolichocephalic*. [< NI, < Gk *dolichōs* long]



Dolabriform leaf

Figura 2: página de dicionário.



()

dol-i-cho-ce-phal-ic (dol/'ə kō sə fal/'ik), *adj.* (in cephalometry) 1. long-headed; having a breadth of head small in proportion to the length from front to back. Cf. **brachycephalic**. 2. having a cephalic index of 75 or under. Also, **dol-i-cho-ceph-a-lous** (dol/'ə kō səf/'ə ləs). —**dol/'i-cho-ceph/'a-lism**, **dol/'i-cho-ceph/'a-ly**, *n.*

doll (dol), *n.* 1. a toy representing a baby or other human being, esp. a child's toy. 2. *Slang.* a. a girl or woman, esp. one who is very attractive. b. a boy or man who is considered attractive by a woman. 3. *Slang.* a generous or helpful person: *Be a doll and pit these dates for me.* —*v.t., v.i.* 4. **doll up**, *Slang.* to dress in an elegant or ostentatiously stylish manner. [special use of *Doll*, short form of *Dorothy*] —**doll/'ish**, *adj.* —**doll/'ish-ly**, *adv.*

() **dol-lar** (dol/'ər), *n.* 1. a currency bill and monetary unit of the U.S., equal to 100 cents. 2. a silver coin and monetary unit of Canada, equal to 100 cents. 3. any of the monetary units of various other nations and territories, as Australia, Barbados, British Honduras, Ethiopia, Hong Kong, Liberia, Malaysia, New Zealand, Singapore, Trinidad and Tobago, etc., equal to 100 cents. 4. a thaler. 5. a peso. 6. See **Levant dollar**. 7. yuan (def. 1). [earlier *daler* < LG, *D daler*; c. *G Taler*, short for *Joachimsthaler* coin minted in Joachimsthal in Bohemia]

dol-lar-a-year' man' (dol/'ər ə yēr'), *U.S.* a federal appointee serving for a token salary.

dol-lar cost/ av'eraging, a system of buying securities at regular intervals, using a fixed amount of cash over a considerable period of time regardless of the prevailing prices of the securities. Also called **dol-lar av'eraging**.

dol-lar diplo-macy, 1. a government policy of promoting the business interests of its citizens in other countries. 2. diplomacy or foreign relations strengthened by the power of a nation's financial resources.

dol-lar gap', the difference, measured in U.S. dollars, between the earnings of a foreign country through sales and investments in the U.S. and the payments made by that country to the U.S. Also called **dol-lar short/age**, **dol-lar def'icit**.

dol-lars-and-cents (dol/'ərs and/'sents'), *adj.* considered strictly in terms of money: *from a dollars-and-cents viewpoint.*

doll-house (dol/'hous'), *n., pl. -houses* (-hou/'ziz). a miniature toy house built to the scale of children's dolls. Also, esp. *Brit.*, **doll's' house'**.

dol-lop (dol/'əp), *n.* 1. a lump or blob, as of paint or mud. 2. a serving or portion, esp. a small one: *Add a dollop of soda water to the mixture.* [cf. *Norw* (dial.) *dolp* lump]

() **dol-ly** (dol/'ē), *n., pl. dol-lies, v., dol-lied, dol-ly-ing.* —*n.* 1. *Baby Talk.* a doll. 2. a low truck or cart with small wheels for moving loads too heavy to be carried by hand. 3. a small locomotive operating on narrow-gauge tracks, esp. in quarries and construction sites. 4. *Brit. Dial.* a short wooden pole with a hollow dishlike base for stirring clothes while laundering them. 5. *Motion Pictures, Television.* a mobile platform for moving a camera about a set. —*v.t.* 6. to transport or convey (a camera) by means of a dolly. —*v.i.* 7. to move a camera on a dolly, esp. toward or away

Figura 3: página de dicionário.

Observe a página do dicionário (Quadro I - partes I, II, III, IV) e faça a correspondência com as informações a seguir, completando os parênteses.

- a) Pronúncia da palavra.
- b) Ortografia da palavra.
- c) Uso da palavra.
- d) Significado da palavra.
- e) Primeira ou a última palavra na página.
- f) Verbete.
- g) Definição.
- h) Exemplo.
- i) Transcrição fonética.
- j) Derivação.
- k) Informação gramatical.
- l) Informação cultural.
- m) Sinônimo.
- n) Expressão idiomática.

Caso tenha encontrado outras informações, liste-as aqui:

Vários são os aspectos a serem observados em um dicionário, como vimos. Vários, também, são os tipos/ modelos de dicionário. Nem todos trazem todos os aspectos citados anteriormente. Cada dicionário possui características próprias. É primordial que o estudante saiba que informações ele contém e como utilizá-las quando precisar.

Um exame cuidadoso do dicionário pode definir a sua escolha. Lembre-se de que você é um leitor iniciante, portanto, prefira um dicionário bilíngue (português/inglês – inglês/português), a fim de que você seja estimulado a buscar informações de forma eficiente. Procure também por dicionários que contemplem os seguintes detalhes:

- ✓ tabelas de pesos e medidas com as respectivas conversões;
- ✓ lista de verbos irregulares com significado de cada um e as formas dos três principais tempos verbais;

- ✓ chave de pronúncia, que é a correspondência entre os fonemas de ambas as línguas.

Para que você se familiarize com todas essas informações, pegue o seu dicionário e liste aqui as suas características.

É importante salientar que a maioria das palavras que aprendemos é proveniente da leitura. Quanto mais se lê, mais se aprende novas palavras. A grande maioria é aprendida quando nos deparamos com elas em um contexto. Normalmente, assimilamos seu significado gradualmente, após alguns encontros.

Não menos importante é dizer que nem todas as palavras possuem igual importância. Pense no seu vocabulário de língua materna. Há palavras que você conhece bem e utiliza sem problemas. Mas há outras que, apesar de serem conhecidas, você não tem confiança em usar. As primeiras fazem parte do seu vocabulário ativo, enquanto que as últimas pertencem ao seu vocabulário passivo.

O mesmo ocorre em uma língua estrangeira. E é importantíssimo que você se conscientize disso, para adequar a sua atitude com relação a novas palavras, reduzindo a tensão e arriscando.

Decidir o que deve ser ignorado é uma das características de um leitor habilidoso. Este procedimento não é tão simples de ser colocado em prática, mas poderá ser executado, observando-se os passos apresentados a seguir:

- ✓ reconheça a palavra/expressão que você não sabe;
- ✓ localize o tipo de dificuldade que a envolve;
- ✓ desenvolva uma estratégia para lidar com aquela dificuldade (inclusive para não perder tempo com palavras que você não precisa saber);
- ✓ lembre-se de que normalmente conseguimos construir o significado de um texto sem que entendamos cada uma de suas palavras.

Grupos nominais

Grupos nominais são expressões, ou grupos de palavras de caráter nominal, que se relacionam entre si, sendo uma delas a principal, ou o núcleo.

Nos grupos nominais em Inglês, há certa prevalência de substantivos e adjetivos. Quanto à ordem na frase, não há correspondência com a ordem das frases do Português. Daí surgir a dificuldade na hora da leitura e compreensão. Portanto, precisamos nos familiarizar com essa nova ordem textual para lermos com mais facilidade e, conseqüentemente, reconstruirmos o texto.

EXEMPLO:

Note que a disposição das palavras em Português não corresponde a do Inglês:

- ✓ **A charismatic leader:** Um líder carismático.
- ✓ **Black Africa:** África negra.
- ✓ **South American Societies:** Sociedades da América do Sul.

Sempre existe, no grupo nominal, uma palavra mais importante, chamada, em Inglês, de headword, ou núcleo, como chamamos em Português, que, normalmente, é um substantivo.

Nos exemplos supracitados, como você pode notar, os vocábulos leader, África e societies representam os núcleos. Você também deve ter notado que, em torno desses núcleos, orbitam outras palavras, como adjetivos, advérbios ou mesmo outros substantivos, que são os modifiers, ou modificadores, como os chamamos na nossa língua materna.

Os grupos nominais podem conter mais de um modificador, como vimos anteriormente. Podemos, então, definir grupo nominal como um grupo de palavras formado por um substantivo e seus modificadores, os quais podem ser artigos, numerais, quantificadores, pronomes e/ou adjetivos. O substantivo é o núcleo semântico, ou seja, a palavra-núcleo e os demais elementos são os modificadores.

EXEMPLO:

- ✓ **Central Processing Unit:** Unidade Central de Processamento.
- ✓ **Red Cross Emblem:** Emblema da Cruz Vermelha.

Você deve ter notado que, em Português, os modificadores geralmente aparecem depois do núcleo, diferentemente do Inglês, em que os modificadores quase sempre estão antes do núcleo. Observando a posição do núcleo em Inglês, podemos dizer que este será quase sempre o último elemento do grupo nominal. Mas lembre-se que em toda regra há exceção. Nos exemplos estudados, apenas a última frase não faz parte dessa regra. Estudaremos essa questão mais à frente.

EXEMPLO:

Vejamos outros exemplos e a posição das headwords e dos modifiers:

- ✓ **The economic crisis:** A crise econômica.
- ✓ **The new mathematics teacher:** A nova professora de matemática.

- ✓ **Brazil's high cost of living:** O alto custo de vida do Brasil.
- ✓ **The colour of his hair:** A cor do seu cabelo.

Notamos, nos dois últimos grupos nominais, o aparecimento da preposição of. Em todas as vezes que o grupo nominal incluir uma preposição (in, on, at, of, for etc.), o núcleo será o vocábulo que precede a preposição. Os acrônimos, ou siglas, citados a seguir são do seu conhecimento, certamente; e são exemplos de grupos nominais. Observe o que acontece com os seus correspondentes em Inglês:

- ✓ **FMI:** Fundo Monetário Internacional;
- ✓ **International Monetary Fund:** IMF;
- ✓ **EUA** – Estados Unidos da América;
- ✓ **United States of America:** USA;
- ✓ **OMS:** Organização Mundial de Saúde;
- ✓ **World Health Organization:** WHO.

SIGLA

[Do lat. tard. sigla (nom. neutro pl.).]

S. f.

1) Paleogr. Letra ou letras iniciais usadas como abreviaturas de palavras frequentes, como C. para o prenome latino ' Caius' ou ' Gaius', ou ex. para o lat. ' exemplum', e que podiam ser duplicadas para a indicação do plural, como em DD NN, lat. ' domini nostri', ou ainda invertidas, para a indicação do feminino, como (i), para lat. ' fi lia', ou q, para o lat. ' puella'.

2) Acrograma.

3) Sinal convencional; rubrica.

4) Reunião das letras iniciais dos vocábulos fundamentais de uma denominação ou título, sem articulação prosódica, constituindo meras abreviaturas (ex.: E.F.C.B. = Estrada de Ferro Central do Brasil): "Chamam-se assim [ferros] os sinais de todos os feitos, ou letras, ou desenhos caprichosos com siglas, impressos, por tatuagem a fogo, nas ancas do animal, completados pelos cortes, em pequenos ângulos, nas orelhas." (Euclides da Cunha, Os Sertões, pp. 122-123).

Acrônimo

[De acr(o)-1 + -ônimo.]

S. m.

1) Palavra formada pela primeira letra (ou mais de uma) de cada uma das partes sucessivas de uma locução ou pela maioria dessas partes. Ex.: sonar [so(und) na(vigation) r(anging)].

Novo Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa.

Século XXI. Versão 3.0. Editora Nova Fronteira

Diante do exposto, podemos afirmar, então, que vários acrônimos, em Inglês e em Português, são iniciais de grupos nominais.

Observe as construções a seguir (*tabela 2*), que também são grupos nominais e são compostas apenas de substantivos:

<i>zero + coke</i>	<i>zero coke</i>
<i>city + tour</i>	<i>city tour</i>
<i>credit + card</i>	<i>credit card</i>
<i>world + cup + games</i>	<i>world cup games</i>
<i>university + summer + courses</i>	<i>university summer courses</i>

Tabela 2: grupos nominais compostos por substtativos.

Construções como essas ocorrem frequentemente em inglês e poderão lhe causar dificuldade de compreensão. Agora observe as traduções dessas expressões (*tabela 3*). Como você já deve ter notado, quando um substantivo é seguido por outro substantivo, em inglês, o segundo é o mais importante; o anterior apenas o modifica.

<i>zero coke</i>	<i>coca-cola</i>
<i>city tour</i>	<i>passeio pela cidade</i>
<i>credit card</i>	<i>cartão de crédito</i>
<i>world cup games</i>	<i>jogos da copa do mundo</i>
<i>university summer courses</i>	<i> cursos de verão da universidade</i>

Tabela 3: grupos nominais compostos por substtativos.

O Inglês é uma língua repleta de construções nominais; e o significado lexical ocorre, na maioria das vezes, dentro dos grupos nominais. Por isso, a importância de estudarmos esse item sistêmico da língua inglesa.

O conhecimento da organização do grupo nominal em inglês fornece uma melhor noção de como as palavras se organizam em sintagmas para veicularem mensagens. E o reconhecimento das partes constituintes do grupo nominal dá condição de analisarmos a hierarquia entre os elementos, quando se trata da leitura e entendimento de um texto. Tendo claro o objetivo de leitura, a visão dessa hierarquia nos auxilia, por exemplo, na busca de palavras no dicionário, escolhendo sempre as palavras de conteúdo, representadas pelos núcleos.

Formação de palavras

Utilizar pistas do contexto é uma das maneiras de descobrir o significado de uma palavra desconhecida. Outro valioso recurso adicional na compreensão de textos é a análise da palavra ou a análise do significado das partes da palavra. Conhecer um pouco sobre o processo de formação de palavras ajuda-nos a deduzir significados.

Para nós, brasileiros, a compreensão de textos em Inglês é facilitada a nível vocabular, visto que o Português é uma língua latina e o Inglês possui cerca de 50% do seu vocabulário proveniente do Latim. As maiores semelhanças aparecem no vocabulário técnico e científico.

Muitas palavras da língua inglesa foram formadas pela combinação de partes do Inglês antigo, Grego e de palavras latinas, ou seja, apresentam transparência, são bastante parecidas com as do português. Se você souber o significado de algumas dessas partes das palavras, seguramente inferirá o significado daquela palavra desconhecida, particularmente se ela se encontrar em um contexto. Palavras como interesting, modern, manual, computer, necessary, dictionary são facilmente compreendidas por brasileiros que não têm proficiência em Inglês.

Assim como na língua portuguesa, os vocábulos, em Inglês, são formados pela adição dos mais diversos significados, através dos processos de composição, derivação e conversão. Podemos afirmar, então, que, além de promover relações gramaticais, formar novas palavras significa promover relações semânticas.

OBSERVAÇÃO:

O processo de formação das palavras inadequado e desconectado. Em português, dizemos que a palavra inadequado é formada pelo radical **-adequ** + o prefixo **in** + sufixo **-ado**.

O mesmo ocorre com desconectado, que é composto do radical **-connect** + prefixo **des** + sufixo **-ado**. O mesmo ocorre em inglês.

Afixos

Chamamos de afixos os prefixos e sufixos que, acrescentados à raiz de uma palavra já existente, formam novas palavras. O conhecimento dos afixos é bastante importante, porque auxilia na identificação de novas palavras, além de ampliar o seu vocabulário, o que conseqüentemente incrementa o processo de leitura. Por exemplo, quando acrescentamos o prefixo **un-** e o sufixo **-able** ao radical **-forget-** (significado= esquecer), formamos uma nova palavra: **unforgettable**, que significa inesquecível.

Os afixos são divididos em:

a) prefixos → colocados antes da raiz da palavra, da palavra-base (a que aparece no dicionário)

EXEMPLO:

Unhappy » un- (prefixo) + happy (palavra-base).

b) sufixos → acrescentados logo após a palavra-base

EXEMPLO:

Happiness » happy (palavra-base) + ness (sufixo).

Como pudemos observar, nos exemplos apresentados, os prefixos alteram o significado da palavra, mas sem alterar sua classe gramatical. Unhappy e happy são adjetivos, mas têm significados diferentes. O prefixo un- indica negação, portanto, unhappy significa infeliz.

Já os sufixos têm a função de alterar a classe gramatical da palavra inicial; e, conseqüentemente, o seu significado. Happiness é um substantivo, pois o sufixo -ness funciona como formador de substantivos.

A tabela 4 apresenta os principais prefixos, seus significados e alguns exemplos. Mas não se assuste! Você não terá que decorá-la. Basta consultá-la quando necessitar.

PREFIXO	INDICA IDEIA DE	EXEMPLO
anti-	1. oposto	<i>antibiotic</i>
bi-	1. dois; duas vezes	<i>bilingual</i>
co-	1. em conjunto	<i>cooperate</i>
dis-	1. negativo 2. oposto	<i>disapprove</i> <i>disagree</i>
en-	1. tornar, causar	<i>enlarge</i>
fore-	1. na frente de, antes	<i>forehead, forecast</i>
il-, im-, in-, ir-, un	1. negação; falta de ação; contrário	<i>illegal, impossible,</i> <i>indifferent, irregular,</i> <i>unexpected</i>
inter-	1. entre	<i>international</i>
mis-	1. erro	<i>misunderstanding</i>
mono-, uni-	1. um, único	<i>monosyllable, unison</i>
over-, under-, super-, sub-, mini-	1. variação de grau	<i>overdose, underage,</i> <i>superman, subdivision,</i> <i>mini- market</i>
pre-, post-	1. variação de tempo	<i>prehistoric, post-</i> <i>graduation</i>
re-	1. repetição	<i>redesign, recycle</i>
trans-	1. através de, mudança	<i>transatlantic,</i> <i>transformation</i>

Tabela 4.

Na língua inglesa, encontramos maior incidência de sufixos do que de prefixos. Quando adicionamos um sufixo a uma palavra já existente, estamos acrescentando um novo significado àquela palavra, além de alterarmos sua classe gramatical. Portanto, assim como nos prefixos, temos sufixos que dão ideia de ‘qualidade’, de ‘ausência’ etc. Tomemos o sufixo –less como exemplo. O –less transforma um substantivo em adjetivo; e passa a ideia de ‘ausência’, de ‘falta’. Observe a tabela 5:

SUBSTANTIVO	ADJETIVO
home = casa	<i>homeless</i> = 'sem teto'
hope = esperança	<i>hopeless</i> = desesperançoso
care = cuidado	<i>careless</i> = descuidado
pain = dor	<i>painless</i> = indolor

Tabela 5.

A seguir, apresentaremos alguns quadros (tabela 6,7,8 e 9) contendo os sufixos de maior incidência na língua inglesa, com exemplos e respectivos significados, para sua consulta, quando necessário.

SUFIXO	IDEIA DE	BASE	SUBSTANTIVO	TRADUÇÃO
-al	ato de	<i>arrive</i>	<i>arrival</i>	chegada
-ance/ -ence	estado	<i>perform</i> <i>prefer</i>	<i>performance</i> <i>preference</i>	desempenho preferência
-dom	domínio/ condição	<i>free</i> <i>wise</i>	<i>freedom</i> <i>wisdom</i>	liberdade sabedoria
-er/-or	pessoa que	<i>run</i> <i>act</i>	<i>runner</i> <i>actor</i>	corredor ator
-ion/-ation/ -ition/-ision	ato de	<i>educate</i> <i>add</i> <i>collide</i>	<i>education</i> <i>addition</i> <i>collision</i>	educação adição colisão
-ist	pessoa que	<i>type</i>	<i>typist</i>	datilógrafo
-ity	estado/ qualidade	<i>complex</i>	<i>complexity</i>	complexidade
-ment	estado/ ação de organizar	<i>govern</i> <i>disappoint</i>	<i>government</i> <i>disappointment</i>	governo desapontamento
-ness	condição de	<i>dark</i>	<i>darkness</i>	escuridão
-ship	condição/ estado	<i>Partner</i> <i>friend</i>	<i>partnership</i> <i>friendship</i>	parceria amizade

Tabela 6: sufixos formadores de substantivos

SUFIXO	IDEIA	BASE	VERBO
-ize/-ise	fazer	<i>central</i>	<i>centralize</i>
-ate	fazer	<i>active</i>	<i>activate</i>
-ify	fazer	<i>simple</i>	<i>simplify</i>
-en	fazer	<i>short</i>	<i>shorten</i>

Tabela 7: sufixos formadores de verbos.

SUFIXO	IDEIA	BASE	ADVERBIOS
-ly	de modo a / de forma a	<i>happy</i>	<i>happily</i>
		<i>careful</i>	<i>carefully</i>
		<i>day</i>	<i>daily</i>
		<i>logical</i>	<i>logically</i>

Tabela 8: sufixos formadores de advérbios

SUFIXO	IDEIA	BASE	ADJETIVO
-ar	tendo a qualidade de	<i>circle</i>	<i>circular</i>
-al	tendo a qualidade de	<i>logic</i>	<i>logical</i>
-ic	tendo a qualidade de	<i>magnet</i>	<i>magnetic</i>
-ical	tendo a qualidade de	<i>electric</i>	<i>electrical</i>
-able/-ible	capacidade de ser	<i>admire</i>	<i>admirable</i>
-full	caracterizado por	<i>help</i>	<i>helpfull</i>
-less	ausência de/ sem	<i>care</i>	<i>careless</i>

Tabela 9: sufixos formadores de adjetivos

Bem, conforme citamos anteriormente, as tabelas aqui apresentadas contêm apenas alguns dos inúmeros afixos existentes. O reconhecimento dos afixos ajudará você no significado das palavras, mas lembre-se de que só exercitando a leitura você melhorará o seu desempenho.

O processo de composição

O processo de composição ocorre quando unimos duas palavras diferentes para formar uma terceira, cujo significado está normalmente relacionado aos elementos formadores. Na palavra *businessman*, por exemplo, temos uma palavra primitiva (*business*=negócios), adicionada a outra palavra, também primitiva (*man*=homem), originando um novo vocábulo (*businessman*=homem de negócios).

O processo de derivação

O processo de derivação, por sua vez, ocorre quando acrescentamos a uma palavra primitiva uma partícula, que recebe o nome de afixo. Por exemplo, *report* é formada por *re*, que significa atrás, e *port*, que significa carregar. Vamos a outro exemplo: *scientist* é formada de *sci*, que significa saber, e *ist*, que significa um que.

Port e *sci* são radicais. Um radical é a base à qual grupos de palavras que têm alguma relação são construídas. *Re* e *sci* são chamados afixos, ou seja, partes de palavras que são presas ao radical.

O processo de conversão

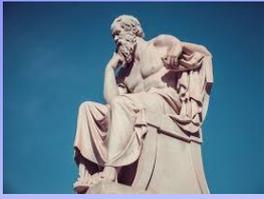
O processo de conversão, ou derivação imprópria, ocorre quando uma palavra é adotada em outra categoria gramatical, sem qualquer transformação. O contexto onde a palavra se encontra dirá ao leitor qual o significado adquirido por ela. Em português, esse procedimento é bastante usual. A palavra 'manga', por exemplo, possui diversos significados. Quando eu digo 'Gosto de manga' estou me referindo à fruta, que é um substantivo. Já quando digo 'De vez em quando ela manga do irmão' estou me referindo ao verbo mangar, que significa ridicularizar. Em Inglês, também ocorre essa mudança de categoria gramatical.

EXEMPLOS:

a) A scanner can **copy** documents very quickly.

b) Give me a **copy** of the document.

No primeiro exemplo, **copy** é um verbo; e no segundo, um substantivo.



PAUSA PARA REFLETIR...

Não basta conquistar a sabedoria, é preciso usá-la.

Cícero.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

O sufixo –ing

Você certamente já reparou que o sufixo –ing aparece com bastante frequência nos textos que lemos. A primeira reação é traduzir todo sufixo –ing que aparecer na nossa frente como gerúndio, pois aprendemos na escola, quando iniciamos nossos estudos de Inglês, que esse sufixo corresponde ao sufixo –ndo do Português. De certo modo não estamos errados. Devemos apenas observar a palavrabase, que nesse caso deve ser um verbo. Mas podemos nos deparar também com a palavra-base sendo um substantivo, ou um adjetivo. E aí, como faremos? Respostas a seguir. Palavras em cuja formação encontramos o sufixo –ing podem apresentar diferentes classes gramaticais.

EXEMPLO:

- ✓ A palavra learning, pode significar ‘aprendendo’, ‘aprendizagem’ ou ‘aprender’. O gerúndio é o uso tradicional do –ing, como podemos observar no 1º exemplo.
 - ✓ Sufixo -ing acrescido a palavras de outras classes gramaticais.
- 1) John is **learning** English at school.
 - 2) **Learning** English at school has been difficult for me.
 - 3) Mary started **learning** English last month.

Observe agora as funções gramaticais dos vocábulos que recebem esse afixo.]

1. Gerúndio, quando precedidos do verbo to be. Nesse caso, o –ing será traduzido como gerúndio, por estar acompanhado do verbo to be e seguido de complemento.

EXEMPLO:

- ✓ He is **working** hard on his project.
- ✓ Don't worry! There's no danger! I'm **holding** your arms.

2. Substantivo:

a) quando precedidos de adjetivo, advérbio ou artigo;

EXEMPLO:

- ✓ Laser printers provide good quality **painting**.

b) e em alguns casos, quando iniciam orações.

EXEMPLO:

- ✓ **Swimming** is an excellent exercise for the body.
- ✓ **Singing** makes you happier ever.

3. Adjetivo, quando acrescentamos o -ing a um verbo, transformando-o em substantivo e temos um outro substantivo como complemento. O verbo com sufixo -ing ocupará a posição de adjetivo, formando assim um grupo nominal, pois o adjetivo fará referência ao substantivo.

EXEMPLO:

- ✓ We have to fix our **washing** machine as soon as possible.

4. Infinitivo:

a) quando complementam a ideia expressa pelo verbo anterior;

EXEMPLO:

- ✓ I stopped **smoking** last year.
- ✓ My little dog started **jumping** when I arrived.

b) quando sucedem uma preposição;

EXEMPLO:

- ✓ Thanks for **coming** to my party.
- ✓ Everybody can help the planet by **saving** water.

c) quando são o sujeito da oração.

EXEMPLO:

- ✓ **Drinking** and **driving** is dangerous.
- ✓ **Collecting** stamps is my hobby.

O sufixo -ed

O sufixo - ed também ocorre com bastante frequência na língua inglesa. Por isso mereceu tratamento especial, assim como o -ing. Observe a função gramatical dos vocábulos que recebem o sufixo - ed:

1. Adjetivo, quando se referem a um substantivo:

EXEMPLO:

That box is made of recycled paper.

2. Passado dos verbos (regulares) de uma oração:

EXEMPLO:

✓ We played a great tennis match last Sunday.

3. Particípio, quando acompanham os verbos to be e to have.

EXEMPLO:

Some university students were welcomed with pleasure by the Chancellor.

✓ All of them had studied hard for the final test.

ELEMENTOS MORFOLÓGICOS: RADICAL E AFIOS

Observamos que o reconhecimento dos sufixos e prefixos formadores de novas palavras depende muito mais de um contato rico com a língua do que decorar regras. Ler com frequência nos aproxima do sentido que os afixos dão às palavras. Saber reconhecer o radical da palavra também pode fazer a diferença.

Toda palavra é subdividida em partes menores, chamadas de elementos mórficos. Os afixos (prefixos e sufixos) e os radicais são alguns dos elementos mórficos. O significado básico de uma palavra está contido no radical. O radical é a sua origem, sua 'herança'. A ele são acrescentados todos os outros elementos mórficos.

Embora com origens diferentes, algumas línguas possuem várias palavras cognatas (semelhantes) entre si porque compartilham alguns elementos mórficos. Conhecer sobre alguns desses elementos propicia o aumento do vocabulário, além da consciência linguística.

A maior parte dos nossos radicais vem do Latim ou do Grego. No quadro 10(*tabela 10*), apresentaremos uma pequena mostra de radicais – stem, em Inglês - presentes em palavras de diversos idiomas.

RADICAIS DE ORIGEM LATINA	RADICAIS DE ORIGEM GREGA
agri = campo	aer = ar
alti = alto	antropo = homem
arbor = árvore	bios = vida
den(s) = dente	kósmos = mundo
flamma = chama	ethnos = raça
ignis = fogo	phone = som
mors = morte	mega = grande
	phótos = luz
	orthós = direito, correto

Tabela 10.

Agora veremos alguns afixos – prefixos e sufixos – também presentes em palavras do Inglês e do Português, dentre outros idiomas.

PREFIXOS RELATIVOS A NÚMEROS E QUANTIDADES
primo = primeiro
ulti = último
bi = dois
di = dois
tri = três
quad = quatro
dec = dez
cent = cem
multi = muitos
plu = vários
omni = todos
ambi = ambos
equi = igual
semi = metade

Tabela 11.

SUFIOS LATINOS	SUFIOS GREGOS
Al = relativo a reunião	Ite, itis = indica inflamação
Ment(o) = relativo a estado	Ose, osis = doença
an(o) = relativo a origem	Ist(a) = adepto, relativo à profissão
Eo = relativo a qualidade	Im(o) = ciência, crença
Cida, cide = relativo a matar	
Dor, tor = relativo a profissão	

Tabela 12.

PADRÃO DE ORAÇÕES EM INGLÊS

Sentence structure

Há várias e diferentes maneiras de organizarmos as palavras em uma oração. Não há receitas prontas, nem tampouco instruções passo a passo. Por essa razão, podemos dizer que reconhecer a organização das palavras em uma oração, em inglês, não é uma tarefa tão fácil. Mas nada que não se possa resolver com um pouco mais de estudo e afincos. Estamos trabalhando para desenvolver a nossa proficiência na leitura de textos em inglês, por isso será de suma importância compreender quais são as estruturas básicas existentes naquela língua e como poderemos utilizar eficazmente esse conhecimento em prol de uma melhor compreensão.

Iniciaremos apresentando a você as partes integrantes de uma oração e a construção das orações mais comuns no inglês. Morfologicamente falando, conhecer as classes de palavras (em inglês parts of speech ou word classes) deve ser o início do seu estudo. Já em se tratando da relação entre esses elementos em uma oração, da sintaxe propriamente dita, os elementos básicos de uma oração são o sujeito, o verbo e o complemento. Observe na (tabela 13):

Você deve ter se espantado com a apresentação do quadro em inglês, não é verdade? Pois bem, utilize o seu conhecimento prévio e tente compreender o que ele quer lhe dizer. Não é difícil, porque há muita semelhança com o português. Em último caso, consulte o dicionário e você conseguirá.

Não será necessário você decorar o nome das classes gramaticais em inglês. Basta que você compreenda qual a sua função na oração. Lembre-se apenas que as interjeições (interjections) têm o hábito de aparecerem sozinhas; e que os artigos, que são apenas três, sempre aparecem antes dos substantivos (nouns). As demais classes de palavras têm variadas formas de se apresentarem e podem aparecer em diversos lugares em uma oração.

Para se ter certeza de que classe de palavra estamos falando, temos que observar não só a palavra, mas também o seu significado, localização e uso na oração.

PARTS OF SPEECH	BASIC FUNCTION	EXAMPLES
noun	names a person, place or thing	Gustav, Paris, Eiffel Tower
pronoun	takes the place of a noun	I, you, he, she, it, ours, them, who
verb	identifies action or state of being	study, play, become, be
adjective	modifies a noun	high, beautiful, sad

PARTS OF SPEECH	BASIC FUNCTION	EXAMPLES
noun	names a person, place or thing	Gustav, Paris, Eiffel Tower
pronoun	takes the place of a noun	I, you, he, she, it, ours, them, who
verb	identifies action or state of being	study, play, become, be
adjective	modifies a noun	high, beautiful, sad
interjection	expresses emotion	ah, whoops, ouch
article	identifies and specifies a noun	a, an, the

Tabela 13.

Vimos que em se tratando da sintaxe, ou seja, da relação entre os elementos, as partes de uma oração são o sujeito, o verbo e o complemento. O sujeito é normalmente um substantivo, palavra que dá nome a uma pessoa, coisa ou lugar. O verbo geralmente segue o sujeito e identifica uma ação, um estado de ser do sujeito. O complemento recebe a ação e usualmente vem após o verbo.

Fácil, não é? Pois bem, observamos que em português e em inglês todas as orações possuem verbo. A maioria tem um sujeito, que vem expresso por meio de um substantivo ou um pronome. Convém lembrar que diferentemente do inglês, em português o sujeito da oração às vezes está oculto. Em inglês você nunca verá uma oração sem o sujeito aparente. Geralmente, tanto em português quanto em inglês, as orações têm um complemento. A ordem, na maioria das vezes, é a seguinte:

SUJEITO	VERBO	COMPLEMENTO
Tom	has	a big house
The boys	are studying	in the lab now
She	left	x x x x x x x x
Someone	has opened	the class windows.

Tabela 14.

Podemos notar que a ordem básica dos elementos constituintes de uma oração em inglês possui uma pequena correspondência com a ordem das orações em português. A dificuldade na hora da leitura e compreensão, acreditamos, surgirá apenas no início, quando você precisará se familiarizar com a nova ordem textual. Com o exercício constante, você certamente desenvolverá a sua proficiência, acredite.

Você deve ter observado que os verbos utilizados nos exemplos que acabamos de analisar possuem formas distintas. Como dito anteriormente, o verbo é a classe gramatical que descreve uma ação ou ocorrência ou mesmo indica um estado do ser. Assim como a mesma palavra que pode ser utilizada tanto como um substantivo ou como um verbo, um mesmo verbo pode representar diferentes papéis em uma oração, dependendo de como ele é utilizado.

Observe as orações a seguir:

- ✓ Steve has no dreams at all.
- ✓ She always dreams about money.

Na primeira oração, a palavra dreams faz parte do complemento, é um substantivo e significa sonhos. Na segunda, dreams é o verbo da oração, que vem a seguir do sujeito e significa sonha.

Em inglês, reconhecer os verbos é infinitamente mais fácil do que em português, pois eles possuem apenas quatro tempos no modo indicativo (presente, passado, futuro e condicional) e o modo imperativo, que é semelhante ao português. E acrescido a isso, não há diferentes desinências em cada uma das pessoas do discurso, como encontramos no português; apenas a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma modificação.

Não nos estenderemos no estudo das formas dos tempos e modos verbais do inglês. Você deve utilizar a sua gramática para tal. Portanto, abra a gramática, estude e vá em frente.

Identificaremos apenas alguns tipos mais comuns dos verbos do inglês e suas respectivas funções. Os demais ficarão para um estudo mais aprofundado. Vejamos:

✓ **auxiliary verbs e lexical verbs:**

Um verbo auxiliar determina o aspecto ou o tempo de outro verbo da oração. Os principais auxiliares são *be*, *have* e *do*. Os auxiliares modais, por sua vez, são *can*, *could*, *may*, *might*, *must*, *should*, *will* e *would*. Já um verbo lexical é qualquer verbo, em inglês, que não seja um verbo auxiliar: ele transfere ao verbo um significado real e não depende de outro verbo.

EXEMPLOS:

It will rain tomorrow (o auxiliar *will* confere ao verbo o aspecto de ação futura que é dada como certa).

It rained all night (*rained* = verbo lexical que confere o significado real do verbo no passado).

✓ **dynamic verbs e stative verbs:**

O verbo dinâmico indica uma ação, um processo ou uma sensação.

EXEMPLO:

I bought a new guitar.

Um verbo de estado (como *be*, *have*, *know*, *like*, *own* e *seem*) descreve um estado, situação ou condição.

EXEMPLO:

I like my school.

✓ **regular verbs e irregular verbs:**

Um verbo regular forma o passado e o particípio passado acrescentando à forma base *-d*, *-ed*, ou em alguns casos *-t*.

EXEMPLO:

We finished the Project right now.

Um verbo irregular não forma o passado e o particípio passado em *-d* ou *-ed*; tem uma forma própria e deve ser compreendido com a sua utilização habitual.

EXEMPLO:

Tony ate a huge dish of soup at dinner time.

✓ **transitive verbs e intransitive verbs:**

Os verbos transitivos são seguidos por um objeto direto. Já os intransitivos não têm um objeto direto como seguidor.

EXEMPLO:

She sells bananas at the Market (bananas é o objeto).

He sat there quietly. (there e quietly são advérbios).

OBSERVAÇÕES:

Muito cuidado com esses verbos, pois muitos verbos têm funções de verbos transitivo e intransitivo.

✓ **finite verbs e nonfinite verbs:**

Um verbo finito expressa tempo e tem peso próprio em uma oração. Por outro lado, um verbo infinito, ou não finito (os infinitivos e participípios), não mostra a distinção do tempo verbal; e pode ocorrer como um verbo finito apenas em orações dependentes.

EXEMPLO:

She walked to school.

While walking to school she saw a car accident.

Como você pode observar, embora carreguem consigo o aspecto e o tempo da ação ou estado, os verbos representam um grande desafio ao leitor de língua inglesa. O seu estudo não é simples, mas é necessário, uma vez que são os verbos que fazem as coisas acontecerem, de muitas maneiras diferentes.

É bom lembrar que você deve aprender esses verbos de forma natural, descontraída, aos poucos, prestando atenção em como eles são usados, em textos orais e escritos, nas expressões em que eles costumam aparecer.

De acordo com o Oxford English Dictionary, os 25 verbos mais comuns em inglês são:

1. be; 2. have; 3. do; 4. say; 5. get; 6. make; 7. go; 8. know; 9. take; 10. see; 11. come; 12. think; 13. look; 14. want; 15. give; 16. use; 17. fi nd; 18. tell; 19. ask; 20. work; 21. seem; 22. feel; 23. try; 24. leave; 25. call.

Os editores do Oxford English Dictionary relatam ainda que notavelmente os 25 verbos mais frequentes na língua inglesa são verbos de apenas uma sílaba. Os dois primeiros de duas sílabas são become, que vem em 26ª posição, e include, na 27ª. Além disso, vinte, dos vinte e cinco vêm do inglês antigo; e os verbos get, seem e want chegaram ao inglês vindo da língua utilizada pelos habitantes dos países nórdicos, no período medieval. Apenas os verbos try e use chegaram ao inglês proveniente do francês antigo.

A partir dessas informações, podemos deduzir que a língua inglesa tem preferência por palavras antigas para descrever ações e ocorrências.

	<p>SE LIGA NA CHARADA!</p> <p><u>PERGUNTA:</u> Por que o passarinho não bate no elefante?</p> <p><u>RESPOSTA:</u> Porque ele tem “pena”.</p>
--	---

MARCADORES DO DISCURSO

Os marcadores discursivos são palavras ou grupos de palavras frequentemente representadas por conjunções e são termos utilizados para ligar orações e ideias, indicando como elas se relacionam em um texto. Através dessas palavras, ou grupo de palavras, os autores mostram com maior clareza a organização de suas ideias e sua intenção em que elas apareçam daquela forma.

As palavras de ligação, ou marcadores discursivos, são responsáveis pela coesão e coerência de um texto. Daí a importância do seu estudo, pois da sua escolha dependerá a clareza, a coesão de um texto.

Reconhecer e aprender a utilizar os conectivos, em inglês, torna-se de suma importância, não só para decodificar as palavras, mas também para captar a articulação das ideias do autor. Conseqüentemente, a escolha de um marcador discursivo pelo autor dará ao texto coesão e elegância.

LINKING WORDS OR PHRASES	FUNCTION
furthermore = moreover = besides = in addition to in other words not only... but also as well as as well and also	adiciona / complementa / acrescenta ideias / dá uma informação extra
but = however = nevertheless instead of = in spite of	contrasta ideias / opõe ideias
on the other hand whereas	ênfatiza a diferença
although = though = even though	faz concessão
then / so meanwhile when as while soon after x before while since then lately	dá ideia de tempo (sequência / simultaneidade)

Tabela 15.

because = for since as	indica a causa
so = then therefore hence thus to sum up = summing up to conclude as a result consequently in short on the whole	indica conclusão, resultado, consequência ou generalização
for example = for instance (e.g.) that is (i.e.) = viz = namely such as	exemplifica
like (preposition) as in the same way = similarly = likewise = as if	compara / aponta as similaridades
in fact = indeed = really = actually	ênfatiza
either ... or neither ... nor neither	escolha / alternativa
in order to / in order that to so that so as to	objetivo / finalidade
if provided / providing unless as long as	impõe condição

Tabela 16.

Os marcadores discursivos apresentados no quadro anterior são apenas os de maior incidência na língua inglesa.

Use a sua curiosidade e tente acrescentar outras palavras ou expressões à lista dada.

1. Observe as orações a seguir e veja como alguns dos marcadores discursivos são utilizados. As funções desempenhadas pelas expressões sublinhadas encontram-se listadas logo abaixo. Tente resolvê-las:

- i. She went home by herself, although she knew that it was dangerous. ()
- ii. He's been an English teacher for 10 years, so he must speak English well. ()
- iii. Cars must stop at traffic lights. Similarly bicycles should stop too. ()
- iv. The whole report is badly written. Moreover, it's inaccurate. ()

(a) adição; (b) contraste; (c) consequência; (d) comparação; (e) causa

2. O texto que você vai ler está repleto de marcadores discursivos. Procure fazer uma revisão no quadro apresentado nessa aula antes de resolver as questões sugeridas. Siga as seguintes instruções:

- i. Faça um rápido skimming no texto.
- ii. Compreenda suas ideias principais.
- iii. Reconheça as conjunções/marcadores aparentes no texto.
- iv. Indique as ideias que são ligadas por esses marcadores.

BIRTHDAYS

A birthday or aniversario is a very important event in Brazil and is celebrated accordingly. Although the celebration may become less elaborate as celebrants grow older, birthdays should be acknowledged personally and are most likely celebrated with a party. Guest should bring a gift to a birthday party, though the gift need not to be elaborate, particularly if you have been invited to a party for someone you do not know well. Children's birthday celebrations include a cake with candles and perhaps paper flowers.

Family members, neighbors, and friends from school attend, and while the party is staged largely for children, adults attend as well. Mothers may compete to see who can give the best birthday party. Children's parties are not organized with specific games or activities, but instead focus on the cake. Brazilians follow the same ritual as do North Americans of singing "Happy Birthday" and blowing out candles before cutting the cake. The following words accompany the same tune North Americans use for "Happy Birthday to You":

Parabéns p'ra você

Congratulations to you

Nesta data querida

On this special date

Usos do shall, will

Em inglês, o shall é usado para expressar o futuro simples na 1ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do plural. O will, por sua vez, é usado nas outras pessoas do discurso.

EXEMPLO:

Shall we meet at the university?

Mas, caso você observe uma sentença em que o will esteja sendo usado na 1ª pessoa, isso significaria determinação por parte do sujeito. Analise o exemplo.

EXEMPLO:

We will finish this project by tonight.

O mesmo acontece com o shall sendo usado na 2ª ou 3ª pessoa do discurso, que dará ideia de certa promessa com respeito ao sujeito. Observe:

EXEMPLO:

This shall be revealed to you in good time.

É bom lembrar que o uso do shall e do will, assim como foi colocado, é perfeitamente aceito dos Estados Unidos, embora com pouca frequência. Para se expressarem no futuro simples, os americanos preferem o will, usado em todas as pessoas do discurso.

Usos do do, does e did

No presente simples, o do funcionará como auxiliar para expressar a forma negativa e para fazer perguntas. O does é usado pela 3ª pessoa do singular dos sujeitos do presente simples. O did, passado de do, é usado por todas as pessoas do discurso, singular e plural.

EXEMPLO:

I don't smoke cigarettes.

She doesn't work here anymore. Did she lose her wallet?

Usos do have, has e had

As formas do verbo to have são usados para criar os chamados tempos perfeitos do inglês, tanto o presente quanto o passado. Os tempos perfeitos indicam que alguma coisa aconteceu no passado. O presente perfeito indica que algo aconteceu, mas deve continuar a acontecer; já o passado perfeito expressa que algo ocorreu anteriormente a algo já acontecido.

EXEMPLO:

I have studied English since I was a child.

We had been to Cristo Redentor three times before our visit yesterday.

Usos do used to

A construção verbal auxiliar used to é usada para expressar uma ação que aconteceu habitualmente no passado, mas que atualmente não acontece mais.

EXEMPLO:

I used to smoke 2 packs of cigarettes a day.

Used to também pode ser usado no sentido de estar acostumado a ou ser familiar a algo.

EXEMPLO:

I like my old sneakers. I'm used to them.

Auxiliares modais

Auxiliares modais, também conhecidos por verbos anômalos, ou mesmo verbos modais, são uma classe de verbos que possuem características distintas dos verbos comuns. Por vezes são chamados de verbos defectivos, devido a ausência de formas que os outros verbos possuem, como, por exemplo, a forma no infinitivo. Os auxiliares modais têm a função de modificar outros verbos, embora não mudem a sua forma diante das diferentes pessoas do discurso.

Os modais podem ser usados para expressar graus de possibilidade, isto é, graus mais fortes ou mais fracos de certeza ou de obrigação em relação a uma situação específica. Os modais podem também indicar que certa ação ou atitude é aconselhável ou permitida, possível ou provável de acontecer no presente, passado ou futuro. Os modais podem ainda

indicar habilidade de executar uma atividade específica com certo grau de qualidade. Mas o mais importante a ressaltar é que as nuances de significado entre eles é bastante complexa.

Quando estiver lendo em inglês, localize os modais e tente descobrir como eles foram empregados pelo autor do texto. Essa descoberta dará a você dicas importantes para a compreensão do texto. Lembre-se dessa dica toda vez que estiver diante de um texto em inglês. A tabela 17 a seguir deverá ajudá-lo quando você estiver em dúvida.

MODALS	USES	PRESENT/FUTURE (EXAMPLES)	PAST (EXAMPLES)
Can Could	Ability to do something	Ronaldinho can play football very well nowadays.	Ronaldinho could play football before. (past ability)
Will Can Could	Informal polite request	Will you please pass the salt? Could you help me please?	
May May	Formal polite request Possible possibility	May I come in, teacher? John may come to the party.	Mary may have been at the library.
Must	Greater certainty	She isn't in class. She must be sick.	She must have been sick yesterday.
Might Could	Less certainty	He might come to the party (but I'm not sure). He could be at home.	He might have been at the library. He could have been at home.
Will	Certainty in the future	He will come next month.	
Should Ought to	Advisability A certain degree of certainty	You should (ought to) study tonight. She should (ought to) do well on the exam.	You should (ought to) have studied last night. She should (ought to) have done well on the exam.
Must	Strong obligation or necessity Prohibition	You must carry all your car documents when you're driving. You must not drive without a driver's license.	

Tabela 17.

Os auxiliares modais possuem características específicas, diferentemente dos verbos ditos “normais”. Observe as características e particularidades que os tornam tão “anormais”:

Os auxiliares modais:

- ✓ não recebem –s nas terceiras pessoas do singular;

EXEMPLO:

She **can** sing beautifully.

- ✓ funcionam como se fossem auxiliares, na forma interrogativa, bastando apenas colocá-los na frente do sujeito;

EXEMPLO:

Can you swim?

- ✓ Na forma negativa são acrescentados do not;

EXEMPLO:

No, she **can not** swim. (também pode ser substituído por **can't** ou **cannot**).

- ✓ são seguidos de verbos no infinitivo, sem a partícula to, nas frases afirmativas (exceto ought to e have to);

EXEMPLO:

You **should** study more.

You **ought to** study more.

You **have to** study more.

- ✓ não possuem infinitivo ou particípio;
- ✓ **could** e **might** podem ser considerados passado de **can** e **may**, respectivamente;

EXEMPLO:

My father **could** play football when he was younger.

The teacher said the students **might** go.

O que vimos até aqui não esgota o assunto; muito ainda se tem a respeito dos auxiliares em inglês. O que foi apresentado nessa aula apenas possibilita que você tenha uma compreensão mais aguçada dos textos em inglês. Leia mais em língua inglesa, para desenvolver a sua competência leitora. Procure aprofundar os seus estudos em uma boa gramática, a fim de desvendar as nuances de significados existentes nos auxiliares da língua inglesa e assim recriar os textos com mais facilidade.

A ESTRUTURA TEXTUAL

A mensagem de um texto se constrói à medida que as ideias se ligam umas às outras. Prevendo essa dinâmica, o escritor supõe que o leitor lê as frases em sequência de modo que ele ligue uma sentença àquela anterior e, do mesmo modo, a informação de um parágrafo ao anterior, o que resulta em uma rede de significados.

Como vimos anteriormente, examinar os elementos que compõem um texto ajuda-nos a “prever” o tipo de informação por ele veiculada. Observe os textos apresentados a seguir e responda:

- ✓ a que gêneros pertencem?
- ✓ como são organizados (título, subtítulos, imagens, parágrafos etc.)?;
- ✓ há semelhança na organização textual?;
- ✓ justifique a resposta anterior.

Coesão X Coerência

A relação das palavras e ideias do texto nas frases ou entre elas, entre sentenças e parágrafos, se realiza de duas formas importantes: a coesão textual e a coerência textual.

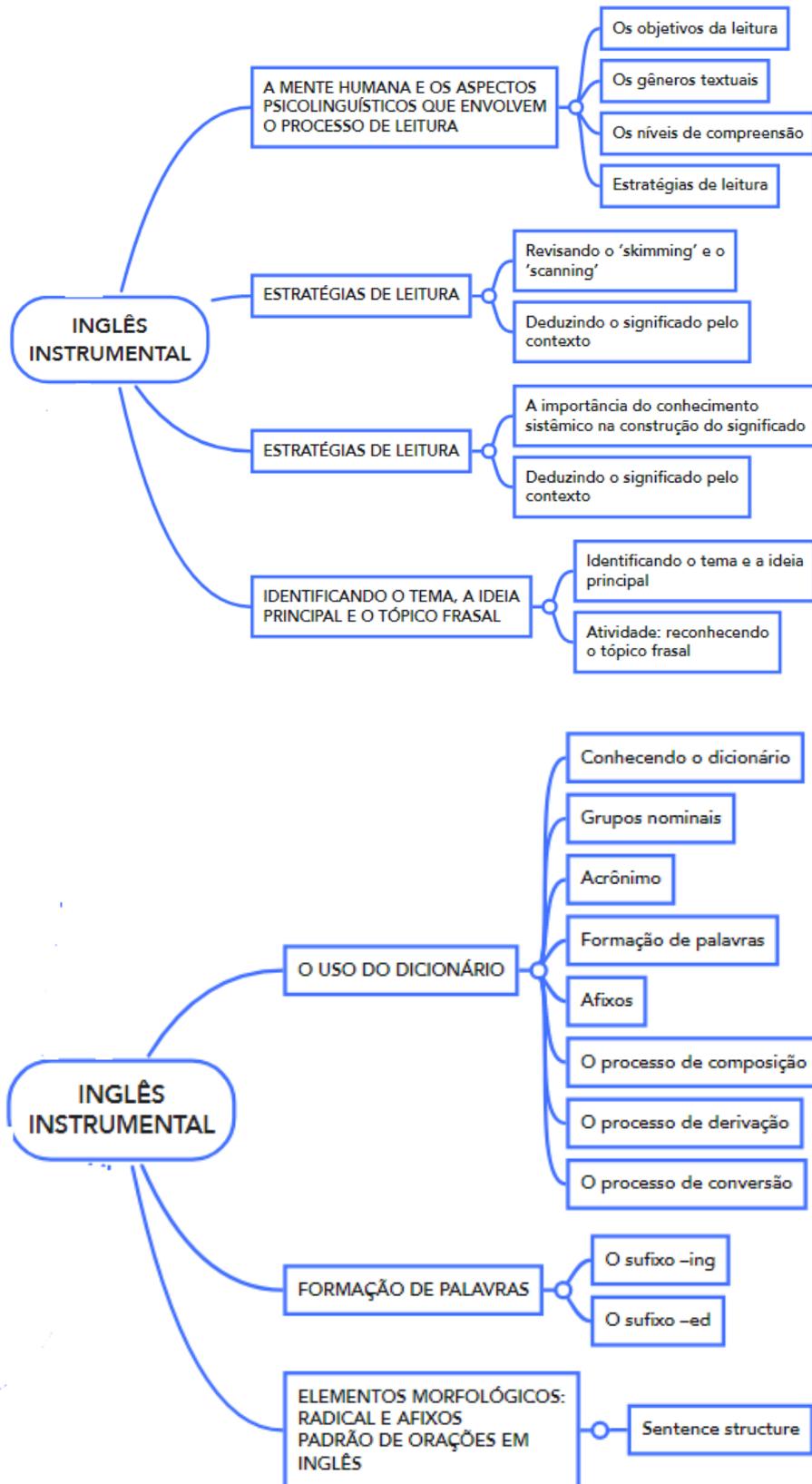
A coesão textual se realiza através de palavras usadas no lugar de outras ou mesmo para substituir uma ideia como um todo, para que não haja repetição. Para que isso não ocorra, a retomada de ideias e elementos anteriormente mencionados é feita, no texto, através de pronomes, os quais podem substituir substantivos, locuções substantivas ou mesmo toda uma ideia. Mas todo cuidado é pouco quando utilizamos essas substituições, pois o elo coesivo entre a palavra e seu referente deve ser o mais claro possível sob risco de causar confusão e conseqüente mal-entendidos quanto ao entendimento da mensagem do texto.

A coerência textual, por sua vez, inclui o uso de conjunções como marcadores discursivos. Como você estudou em aulas anteriores, os marcadores discursivos indicam o tipo de relação existente entre as sentenças e ideias, em nível de sentenças e de parágrafos.

A escolha das conjunções estabelece a natureza da ligação entre as ideias postas pelo autor. Dessa maneira, as ideias se entrelaçam semanticamente através desses elos, que do mesmo modo que as marcam, se unem no processo de construção textual e, conseqüentemente, influenciam no desenvolvimento do texto como um todo. Estes elos, os operadores ou marcadores discursivos, como é do seu conhecimento, têm funções consagradas na língua e, por conseguinte, podem ser listados e dotados de previsibilidade funcional. Você deve apenas memorizar os mais frequentes, juntamente com suas funções, para que consiga compreender as relações entre as ideias postadas pelo autor.

Sessões Especiais

MAPA DE ESTUDO





SÍNTESE DIRETA

1. A Importância da Leitura na Aprendizagem de Inglês

- A leitura em língua inglesa é essencial para a aquisição de vocabulário e compreensão textual.
- Envolve um processo ativo de interpretação que depende do conhecimento prévio do leitor.
- Desenvolve habilidades fundamentais para a comunicação e entendimento da língua em diferentes contextos.

2. Estratégias de Leitura

- **Skimming:** leitura rápida para captar a ideia principal do texto.
- **Scanning:** busca direcionada por informações específicas.
- **Inferência pelo contexto:** identificação de significados por pistas textuais.
- **Reconhecimento de padrões:** análise da estrutura do texto para facilitar a compreensão.

3. Formação de Palavras e Morfologia

- Palavras podem ser formadas por **radicais**, **prefixos** e **sufixos**, o que permite deduzir significados.

- **Cognatos** auxiliam no reconhecimento de vocabulário, mas é necessário atenção aos falsos cognatos.
- Processos como **derivação**, **composição** e **conversão** são frequentes na formação de novas palavras.

4. Gêneros Textuais e Estrutura de Frases

- Diferentes tipos de textos possuem características próprias que influenciam a leitura.
- A organização textual segue padrões estruturais, como introdução, desenvolvimento e conclusão.
- A identificação do **tópico frasal** facilita a compreensão da ideia principal de um parágrafo.

5. Coesão e Coerência Textual

- **Coesão**: conexão entre frases e parágrafos por meio de pronomes e conectivos.
- **Coerência**: estrutura lógica do texto, garantindo que as ideias estejam bem organizadas.
- O uso de **marcadores discursivos** (e.g., *however, therefore, in conclusion*) contribui para a clareza textual.

6. Verbos Auxiliares e Padrões de Oração em Inglês

- **Do, does, did**: usados para perguntas e negativas.
- **Have, has, had**: indicam tempos verbais compostos.
- **Shall, will**: expressam futuro, com *shall* sendo menos comum.
- **Modais auxiliares** (*can, could, may, might, must*) adicionam nuances de possibilidade, permissão e obrigação.

7. Uso do Dicionário e Identificação de Palavras

- O dicionário deve ser utilizado de forma estratégica, priorizando o significado adequado ao contexto.
- Identificar **palavras-chave** e **grupos nominais** auxilia na leitura de textos técnicos.
- Acrônimos e siglas são comuns e podem ser interpretados pelo contexto em que aparecem.

8. A Estrutura Textual e Compreensão Geral

- A leitura eficaz depende da interação entre o texto e o conhecimento prévio do leitor.

- A estrutura do texto fornece pistas sobre informações relevantes e auxilia na interpretação.
- Compreender a lógica do texto permite a extração do sentido global e facilita a retenção do conteúdo.

MOMENTO QUIZ

1. Qual das estratégias a seguir foca em encontrar rapidamente uma informação específica dentro de um texto?

- a) Skimming.
- b) Scanning.
- c) Close Reading.
- d) Extensive reading.

2. Qual dos processos abaixo é um método comum de formação de palavras em inglês?

- a) Intertextualidade.
- b) Composição.
- c) Fonética.
- d) Ideograma.

3. A avaliação de propriedades urbanas e rurais é essencial para:

- a) Determinar o valor venal para fins tributários.
- b) Medir o consumo de energia elétrica.
- c) Regularizar construções informais.
- d) Calcular o tempo médio de vida útil de um imóvel.

4. Em inglês, qual dos termos está mais relacionado à avaliação de imóveis?

- a) Blueprint.
- b) Valuation.
- c) Harvesting.
- d) Cartography.

5. A coerência textual é importante porque:

- a) Garante que as ideias do texto estejam logicamente conectadas.
- b) Aumenta a quantidade de palavras no texto.
- c) Evita o uso de pontuação.
- d) Substitui a necessidade de conectivos.

Gabarito

QUESTÃO	ALTERNATIVA
1	B
2	B
3	A
4	B
5	A

Referências

FERREIRA, L. M. A. (Coord.). Para compreender textos em inglês. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1997.

MARCINIUK, R. M. B. Take a Lift: Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Inglesa, ensino médio. Curitiba: Base, 2004.

NUTTALL, Christine. Teaching Reading Skills in a foreign language. Heinemann English Language Teaching, 1996.

RAMOS, R. C. G. Gêneros Textuais: Uma Proposta de Aplicação em Cursos de Inglês Para Fins Específicos. In: the ESPECIALIST, v. 25, n. 2 (107-129), São Paulo: EDUC, 2004.

BAUDOIN, M. E. Reader's Choice. Third Edition. EUA: The University of Michigan Press, 1997.

DIAS, Reinildes. Reading Critically in English. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1996.

NUTTALL, Christine. Teaching Reading Skills in a foreign language. Heinemann English Language Teaching, 1996.

COOK, D. M. Meta-cognitive behaviors of good and poor readers. Strategic learning in the content areas. Madison, WI; Wisconsin Department of Public Instruction, 1989.

FERREIRA, L. M. A. (Coord.). Para compreender textos em inglês. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1997.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J. ; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.). O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação. Pelotas, Rio Grande do Sul: EDUCAT, 1999.

NUTTALL, Christine. Teaching Reading Skills in a foreign language. Heinemann English Language Teaching, 1996.

BAUDOIN, M. E. Reader's Choice. Third Edition. EUA: The University of Michigan Press, 1997.

DIAS, Reinildes. Reading Critically in English. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

NUTTALL, Christine. Teaching Reading Skills in a foreign language. Heinemann English Language Teaching, 1996.



OBRIGADO!
CONTINUE ESTUDANDO.



Ineprotec